



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**ESCOLA DE MINAS**  
**CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**  
**BRUNA CARNEIRO LEÃO SIMÕES**



**A PERMANÊNCIA DOS CHALÉS EM OURO PRETO PERANTE AS  
INTERVENÇÕES MODERNISTAS**

**Ouro Preto, Minas Gerais**

**2019**

**BRUNA CARNEIRO LEÃO SIMÕES**

**A PERMANÊNCIA DOS CHALÉS EM OURO PRETO PERANTE AS  
INTERVENÇÕES MODERNISTAS**

Caderno do Trabalho de Final de Graduação II, segunda parte do trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Tito Flávio Rodrigues de Aguiar.

**Ouro Preto, Minas Gerais**

**2019**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S593a Simoes, Bruna Carneiro Leao .  
A permanência dos chalés em Ouro Preto perante as intervenções modernistas.  
[manuscrito] / Bruna Carneiro Leao Simoes. - 2019.  
63 f.: il.: color., tab..

Orientador: Prof. Dr. Tito Flávio Rodrigues de Aguiar.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de  
Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Habitação - Patrimônio Cultural. 2. Ouro Preto (MG). 3. Arquitetura Eclética.  
4. Chalés. I. Aguiar, Tito Flávio Rodrigues de. II. Universidade Federal de Ouro  
Preto. III. Título.

CDU 72:711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB:1716



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 10 de dezembro de 2019, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **A PERMANÊNCIA DOS CHALÉS EM OURO PRETO PERANTE AS INTERVENÇÕES MODERNISTAS**, do aluno(a) **BRUNA CARNEIRO LEÃO SIMÕES**.

Compuseram a banca os professores(as) **TITO FLÁVIO AGUIAR, FERNANDA ALVES DE BRITO BUENO, RODRIGO OTAVIO DE MARCO MENICONI**. Após a exposição oral, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos componentes da banca que reuniram-se reservadamente, e decidiram, APROVAR O TRABALHO, com a nota 10.

Orientador(a)

Avaliador 1

Avaliador 2

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família, meus pais, Maria José e Almir e a minha irmã Vívian, por me apoiarem nos meus sonhos e me auxiliarem nessa etapa da minha vida acadêmica.

Aos meus Professores: Tito Flávio Aguiar, Bruno Tropia, Patrícia Junqueira e Fernanda Bueno por me guiarem e me auxiliarem a encontrar minha trajetória nesta universidade.

Aos meus amigos: Ana, Bruno, Dandara, Karina, Maiara, Natália e Victória que estiveram ao meu lado, suportando os altos e baixos do nosso curso.

Ao João Vitor que me apoio, principalmente neste período da minha jornada, com muita paciência e carinho.

À Ouro Preto e a UFOP que me acolheu, aceitou e me ensinou que eu sou capaz.

## RESUMO

Os Chalés de Ouro Preto, Minas Gerais, são o objeto de estudo deste trabalho. Desde 1933, quando a cidade foi declarada Monumento Nacional, o patrimônio cultural local vem sendo protegido em reconhecimento à importância da preservação do seu sítio urbano e do seu acervo artístico e arquitetônico, heranças do Período Colonial. Nos anos 1930 e 1940, o Movimento Moderno buscou reconhecer na cultura a identidade nacional, encontrando nas edificações coloniais uma resposta. A partir desse entendimento do Colonial como nacional, o centro histórico de Ouro Preto foi submetido a uma homogeneização, processo no qual a produção arquitetônica local dos séculos XIX e XX foi alterada, com a supressão de seus elementos estilísticos distintos do Colonial. Nesse processo, a produção Eclética, marco da modernização local e regional entre os anos 1870 e 1890, foi a mais afetada. As intervenções realizadas pelos modernistas descaracterizaram as construções ecléticas e praticamente eliminaram o Eclétismo do acervo arquitetônico da cidade. Curiosamente, uma parte do acervo Eclético ouro-pretano, a tipologia dos Chalés, pouco sofreu com essas intervenções modernistas e até hoje compõe a paisagem urbana local. Desta forma, esta pesquisa tem como principal objetivo compreender a permanência e a importância local dessa tipologia perante as intervenções promovidas pelos modernistas na primeira metade do século XX, contribuindo para a preservação dos Chalés ouro-pretanos e da Arquitetura Eclética como um todo. Os métodos utilizados foram pesquisa histórico-documental sobre a Arquitetura Eclética ouro-pretana, identificação dos Chalés existentes no Centro Histórico de Ouro Preto e das transformações das construções Ecléticas na cidade e análise crítica dos dados e informações coletadas. A permanência dos Chalés em meio às transformações promovidas pelos modernistas se deu pelo caráter pitoresco dessas construções e por sua associação com outros símbolos da modernização regional, como as estradas de ferro e o emprego de materiais industrializados, em especial o ferro e o vidro, e técnicas construtivas modernizadas, como alvenaria em tijolos cerâmicos. Possivelmente, mudanças no gosto das camadas sociais mais elevadas da cidade também teriam contribuído para a permanência dos chalés ouro-pretanos.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural edificado; Ouro Preto; Arquitetura Eclética; Chalé

## ABSTRACT

The Chalets of Ouro Preto, Minas Gerais, are the object of study of this researcher. Since 1933, when the city was declared a National Monument, the local cultural heritage has been protected in recognition of the importance of preserving its urban plot and its artistic and architectural acquis, heritage from the Colonial Period. In the 1930s and 1940s, the Modern Movement sought to recognize national identity in culture, finding an answer in Colonial buildings. From this understanding of Colonial as national, the historical center of Ouro Preto underwent a homogenization, a process in which the local architectural production of the nineteenth and twentieth centuries was altered, with the suppression of its distinct stylistic elements from the Colonial. In this process, Eclectic production, the mark of local and regional modernization between 1870 and 1890, was the most affected. The interventions made by the modernists made the eclectic buildings uncharacteristic and practically eliminated the eclecticism of the city's architectural collection. Interestingly, part of the Ouro Preto's eclectic collection, the Chalets typology, has suffered a little from these modernist interventions and to this day makes up the local urban landscape. Therefore, this research aims to understand the permanence and local importance of this typology in the face of interventions promoted by the modernists in the first half of the twentieth century, contributing to the preservation of Ouro Preto's Chalets and Eclectic Architecture as a whole. The methods used were documentary historical research on the Ouro Preto's Eclectic Architecture, identification of the existing Chalets in the Historic Center of Ouro Preto and the transformations of the Eclectic buildings in the city and critical analysis of the data and information collected. The Chalet's permanence amidst the transformations promoted by the modernists was due to the picturesque character of these buildings and their association with other symbols of regional modernization, such as the railways and the use of industrialized materials, especially iron and glass, and modernized building techniques, such as ceramic brick masonry. Possibly, changes in the taste of the upper social strata of the city would also have contributed to the permanence of the Chalets of the Ouro Preto.

**Keywords:** Built Cultural Heritage; Ouro Preto; Eclectic Architecture; Chalet

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01 – Jardins na Praça Tiradentes .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 02 – Praça Tiradentes 1948 .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 03 – Cine Vila Rica no estilo Eclético .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 04 – Cine Vila Rica após a intervenção modernista.....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 05 – Mercado do Largo de Coimbra, Ouro Preto .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 06 – Rua Bernardo de Guimarães – Rosário, Ouro Preto .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 07 – Rua Bernardo de Guimarães Atual – Rosário, Ouro Preto .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 08 – Ministério Público no estilo Eclético. ....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 09 – Ministério Público. Atual .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 10 – Rua São José – Centro, Ouro Preto .....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 11 – Rua São José. Atual– Centro, Ouro Preto .....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 12 – Rua Alvarenga nº 733 – Cabeças, Ouro Preto .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 13 – Rua Professora Zizinha Cruz – Rosário, Ouro Preto .....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 14 – Rua Getúlio Vargas – Rosário, Ouro Preto.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 15 – Rua Alvarenga nº 427 – Cabeças, Ouro Preto .....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 16 – Rua Costa Sena – Centro, Ouro Preto .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 17 – Rua Costa Sena Atual – Centro, Ouro Preto .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 18 – Rua Alvarenga nº 12 – Cabeças, Ouro Preto .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura19 – Rua Alvarenga nº 12 Atual – Cabeças, Ouro Preto .....</b>	<b>38</b>

<b>Figura 20 – Largo do Rosário 1930, Ouro Preto .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 21 – Largo do Rosário Atual, Ouro Preto .....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 22 – Assembleia Provincial, Ouro Preto .....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 23 – Praça Tiradentes – Centro, Ouro Preto .....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 24 – Centro Acadêmico da Escola de Minas 1949, Ouro Preto .....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 25 – Centro Acadêmico da Escola de Minas Atual, Ouro Preto .....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 26 – Ferrovia Central do Brasil - Estação Benfica .....</b>	<b>46</b>
<b>Figura 27 – Ferrovia Central do Brasil - Estação João Ayres. ....</b>	<b>46</b>
<b>Figura 28 – Ferrovia Central do Brasil - Estação de Barbacena .....</b>	<b>47</b>

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 01 – Quadro de Características.....</b>	<b>45</b>
---	-----------

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1	Questão .....	5
1.2	Hipótese .....	6
1.3	Justificativa .....	6
1.4	Objetivos.....	7
1.5	Métodos e Técnicas .....	7
<b>2</b>	<b>ARQUITETURA ECLÉTICA .....</b>	<b>9</b>
2.1	O Ecletismo no Brasil durante os séculos XIX e XX.....	9
2.2	Influência da arquitetura Neoclássica.....	13
2.3	Relação dos arquitetos modernos com o Ecletismo .....	15
2.4	Relação entre o Ecletismo e Arquitetura Colonial em Ouro Preto .....	18
<b>3</b>	<b>OBJETO DE ESTUDO .....</b>	<b>27</b>
3.1	Tipologia Eclética dos Chalés.....	27
3.2	Relação entre os Chalés e a Arquitetura Colonial de Ouro Preto .....	32
3.3	Os Chalés durante o Período Moderno .....	36
3.4	Permanência dos Chalés em Ouro Preto .....	44
3.5	Importância da permanência dos Chalés em Ouro Preto .....	48
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na Inglaterra, durante o século XVIII, a Revolução Industrial<sup>1</sup>, caracterizou-se por mudanças drásticas nos modos de produzir e de viver, e é um marco na história mundial. A transformação da manufatura em maquina fatura propiciou a produção em massa e, juntamente com as transformações nos meios de transporte e nas comunicações, levou à industrialização diferentes regiões do mundo. Este processo atingiu não somente os meios de produção, como também modificou as condições materiais de vida de parte da população europeia e depois de algumas regiões e localidades em todos os continentes. (HOBSBWAN, 1789, p. 3). Em meados do século XIX, a Revolução Industrial alcançou portos e localidades brasileiras ligadas ao comércio internacional.

As mudanças ocasionadas pela industrialização atingiram também a construção de edifícios e dos espaços das cidades. Estas mudanças alcançaram o Brasil na virada do século XIX para o século XX, e atingiu a arquitetura e o urbanismo do país. As novas formas arquitetônicas e reformas urbanísticas refletem o desejo de progresso, fruto da Revolução Industrial. Naquele momento, é possível considerar que a produção arquitetônica que expressava o anseio de modernização da época era o Eclétismo.

Segundo Lorenzoni, a Arquitetura Eclética apresenta características e técnicas construtivas de diferentes estilos arquitetônicos, que abrangem desde a Arquitetura Greco-romana e a Renascentista, até o Barroco e o Rococó, podendo, a mesma edificação possuir técnicas de vários estilos (LORENZONI, 2015, p. 1).

A Revolução Industrial contribuiu para a modernização dos países, o que facilitou a produção em massa, com novas técnicas e maquinário para tal. A arquitetura que utilizou dessas técnicas e materiais produzidos na época foi o Eclétismo. Certamente, esse estilo se inspirava nas produções anteriores, como o Classicismo<sup>2</sup> e o Gótico<sup>3</sup>, mas também buscava,

---

<sup>1</sup> A Revolução Industrial foi um marco do final do século XVIII, na Inglaterra. Como define Oliveira, houve a “mecanização da produção, surgimento das primeiras máquinas, energia do carvão e do ferro, revolução na arquitetura [...]” (OLIVEIRA, 2004, p. 85) que transformaram econômica e tecnicamente a sociedade da época.

<sup>2</sup> O Classicismo era voltado para a estética grega, que influenciou outras arquiteturas como a Romana, a Renascentista e a Neoclássica, construídas durante a Idade Antiga. (MEDEIROS, 2013, p. 1).

por meio de uma reformulação e atualização de estilos do passado, encontrar uma produção essencialmente moderna, que carregasse os valores do progresso (LORENZONI, 2015, p. 2).

O Ecletismo chegou ao Brasil em meados do século XIX. Assim como em outros países, as cidades brasileiras foram alvo de um processo de modernização, tanto dos seus espaços e estruturas urbanas quanto da sua produção arquitetônica, que passou a ser diretamente influenciada pela Europa (SANTOS, 1981, p. 69). A Revolução Industrial promoveu o surgimento de uma nova classe de pensadores que defendiam o conceito de cidades utópicas<sup>4</sup>. Considerando o alto crescimento demográfico das regiões urbanas devido à industrialização, essas reformas auxiliariam tanto na saúde da população, como criariam um espaço de melhor qualidade (PORTELLA, 2014, p. 48).

A produção arquitetônica desse período, o Ecletismo, foi a fusão de duas vertentes estilísticas, o Neoclassicismo e o Romantismo (SANTOS, 1981, p. 69). A mistura de elementos de estilos diferentes trouxe à produção arquitetônica da época um novo conceito. A utilização dos materiais trazidos com a Revolução Industrial mesclados com características das construções antigas foi o auge da formação do Ecletismo.

“O Neoclassicismo ou Academicismo surge na Europa em meados do Século XVIII até as primeiras décadas do século XIX, retomando os princípios da Antiguidade greco-romana”. Os artistas neoclássicos retomam características da arquitetura clássica como a proporção, simetria, nitidez e o uso dos princípios de racionalidade. (MEDEIROS, 2013, p. 6)

Juntamente com o Neoclassicismo ocorreu o Romantismo. A característica principal que abarcou esses estilos foi a busca de inspiração no passado. Os jardins, a persistência das casas tradicionais, os chalés e alguns estilos históricos como o Neomanuelino, o Neogótico são referências de uma arquitetura romântica. (SANTOS, 1981, pp. 65-66)

---

<sup>3</sup> O estilo Gótico marcou os séculos XII ao XV, durante esse período, esse estilo sofreu drásticas modificações em suas características. No seu início, esse estilo apresentava atributos de uma arquitetura mais robusta e fechada, como uma fortaleza. Com o passar dos séculos, foi se modificando até possuir elementos que formam uma tipologia de igreja suntuosa (JACOBI; HABIWSKI, 2016, pp. 1-2).

<sup>4</sup> As cidades utópicas eram a idealização de comunidades industriais idéias. Este conceito surgiu no contexto da Europa em meados do século XIX para solucionar os problemas da época que incluíam a falta de regulamentação das construções arquitetônicas e urbanísticas, desorganização do mercado de trabalho, desequilíbrio social entre trabalhadores e burgueses e as péssimas condições de vida dos operários (PORTELLA, 2014, p. 48).

No Brasil, o ideal trazido pela Revolução Industrial não se limitou às grandes capitais. Também podemos constatar as influências arquitetônicas e urbanísticas nas capitais menores, como é o caso de Ouro Preto e nas pequenas cidades, como Barbacena. Como foco principal deste trabalho, se ressaltou as transformações realizadas na arquitetura de Ouro Preto, que hoje é uma cidade reconhecida como Patrimônio Mundial<sup>5</sup> devido exatamente à conservação do seu sítio histórico, formado no Período Colonial, e por seu acervo de edificações diretamente vinculadas a essa época, também esteve exposta à modernização no início do século XIX e contou com construções ecléticas que transformaram a cidade.

A partir dos anos 1870, quando a cidade de Ouro Preto, em decadência econômica decorrente do declínio da produção aurífera, tentava manter sua condição de capital provincial, recursos foram aplicados principalmente na reestruturação do seu acervo arquitetônico. Além de novas edificações terem sido erguidas em estilo Eclético, casas coloniais receberam elementos desse estilo como guarda-corpos de ferro fundido, bandeiras envidraçadas, ornamentos e peças metálicas, que remetiam à modernização da região. Esses esforços, porém não foram o suficiente para a permanência da capital que em 1897, muda para a Cidade de Minas (depois Belo Horizonte), o que culminou no esvaziamento da cidade (OLIVEIRA, 2010, pp. 57-58).

A partir de 1933, quando Ouro Preto foi considerada Monumento Nacional, políticas foram implantadas para a preservação do acervo arquitetônico e histórico da cidade. Tombada em seu conjunto em 1938, a cidade foi reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO<sup>6</sup> em 1980. A implantação das primeiras políticas de preservação teve grande influência de intelectuais, artistas e arquitetos vinculados ao chamado Modernismo<sup>7</sup>, que viam

---

<sup>5</sup> “A Convenção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, adotada em 1972 pela Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura (UNESCO), tem como objetivo incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade.” “(...) o Patrimônio Cultural é composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico. Incluem obras de arquitetura, escultura e pintura monumentais ou de caráter arqueológico, e, ainda, obras isoladas ou conjugadas do homem e da natureza.” PORTAL IPHAN. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/24>>. Acesso em 04 set. 2019.

<sup>6</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas. Ela é responsável pela preservação do patrimônio cultural mundial.

<sup>7</sup> O Movimento Moderno foi o que mais se destacou durante o Período Modernista, ele aconteceu no começo do século XX e caracterizou um movimento artístico cultural que visava realizar e desenvolver novas técnicas, desfazendo a ligação com o tradicionalismo da época.

na Arquitetura Colonial ouro-pretana a essência da verdadeira identidade nacional (CASTRIOTA, 2009, p. 140).

Assim, pode-se constatar que o Movimento Modernista, atuou no sentido de redescobrir a nação a partir de novos princípios, da criação simbólica, da valorização estética e de um encontro da tradição com o contemporâneo; e de forma sensível e sensata, conseguiram atribuir ao Barroco Mineiro<sup>8</sup> a representação da identidade nacional com uma imagem legítima, autorizada e institucionalizada enquanto arte nacional (REZENDE, 2011, p. 27).

A iniciativa de preservação da cidade de Ouro Preto surgiu por meio dos arquitetos modernistas que durante o século XX buscavam pela identidade nacional. Durante as primeiras décadas desse século, firmou-se a ideia de Estado-Nação e com ela, a procura pela raiz nacional, o que seria a melhor representação cultural do país, e que na arquitetura deveria representar a autenticidade brasileira. Os modernistas elegeram a Arquitetura Colonial como sendo a representação arquitetônica essencialmente nacional (CASTRIOTA, 2009, pp. 137-139).

Nos anos 20, a arquitetura, a literatura, e as artes plásticas eram marcadas por um desejo de renovação formal, que fez os primeiros anos deste século uma era de definições culturais, particularmente em São Paulo (AMARAL, apud CASTRIOTA, 2009, p. 138).

Curiosamente, a eleição do Colonial ignorou os nexos dessa arquitetura ligada à colonização portuguesa, às primeiras povoações e edificações de matriz europeia, à condição subalterna de colônia. Paralelamente, grupos conservadores também evidenciaram uma predileção pelo

---

<sup>8</sup> “A arte barroca nasceu no início do século XVII, na Itália, e se estendeu pela Europa e América Latina, onde se desenvolveu durante o século XVIII e início do século XIX” (PINTO, 2006, p. 5). “Com a descoberta do ouro, estende-se por todo o país o gosto pelo Barroco. Durante o século XVIII, quando a Europa experimenta as concepções artísticas Neoclássicas, a arte colonial mineiras resiste às inovações, mantendo um barroco tardio mais singular” (PINTO, 2006, p. 8).

Colonial, buscando conservá-lo e utilizá-lo como base para um novo estilo que viria a ser o Neocolonial<sup>9</sup> (CASTRIOTA, 2009, pp. 137-139).

Com o avanço do ideal modernista, que visava à conservação das construções dos séculos XVI a XVIII, foi criado o órgão responsável por essa proteção, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)<sup>10</sup>. As medidas de proteção do acervo ouro-pretano, adotadas pelo SPHAN a partir dos anos 1930, privilegiaram a conservação das edificações coloniais, enquanto as construções erguidas nas décadas anteriores foram ignoradas ou mesmo transformadas.

Algumas construções ecléticas tiveram suas fachadas e ornamentos modificados para se aproximarem mais à produção colonial. Em Ouro Preto, curiosamente, é possível constatar que, em meio às mudanças operadas nas construções ecléticas para reforçar uma paisagem marcada pelo Colonial, os Chalés, que são uma produção Arquitetônica Eclética com origem no estilo Romântico (SANTOS, 1981, pp. 65-66), pouco foram afetados. Hoje, podemos ainda encontrar exemplares dessa tipologia eclética sem modificações significativas.

Como objeto de estudo deste trabalho, a tipologia dos Chalés foi a base para buscar compreender as mudanças ocorridas durante o período de requalificação imposta pelos modernistas, bem como para estudar a importância da permanência dessa tipologia em relação à história de Ouro Preto.

## 1.1 Questões

A investigação proposta neste trabalho final de graduação busca responder às seguintes questões:

Por que, dentro do Eclétismo ouro-pretano, a tipologia dos Chalés permaneceu preservada, enquanto outras tipologias ecléticas sofreram modificações sob a influência modernista?

---

<sup>9</sup> Estilo arquitetônico do começo do século XX caracterizado pela retomada de elementos do período colonial.

<sup>10</sup>O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão federal encarregado da preservação do patrimônio cultural brasileiro, é hoje o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Considerando que a tipologia dos Chalés ouro-pretanos está inserida em um ambiente marcado pelo Colonial, qual é o significado da permanência dessa tipologia na paisagem urbana preservada?

## **1.2 Hipóteses**

Para orientar esta investigação, apresentam-se as seguintes hipóteses:

Em Ouro Preto, em meio às modificações realizadas na Arquitetura Eclética em meados do século XX, a tipologia do Chalé permaneceu sem alterações por estar relativamente distante do Ecletismo vinculado aos estilos da Antiguidade Clássica e Idade Média, visto pelos modernistas como estrangeirismo e retrocesso, além de se aproximar mais de construções ligadas a modernização e progresso, como a arquitetura ferroviária, o que se encaixa na busca dos modernistas.

A permanência dos Chalés está ligada ao vínculo da tipologia, aos valores associados ao progresso e à modernização, o que indica que o Ecletismo, no qual a tipologia se insere, também possui componentes modernos e também foi uma resposta às transformações decorrentes da Revolução Industrial. A presença dos Chalés em uma cidade tomada pelo Colonial demonstra que o contexto ouro-pretano nunca foi homogêneo apresentando outros estilos arquitetônicos e urbanísticos.

## **1.3 Justificativa**

Este trabalho se justifica por ser necessário o estudo mais aprofundado sobre o Ecletismo brasileiro, especialmente levando em consideração as intervenções modernistas, realizadas em meados do século XX, uma vez que essa produção está associada a transformações significativas dos modos de vida no Brasil. Esta investigação também se justifica por ser necessário abordar, por meio do estudo do Ecletismo, a industrialização e a modernização brasileiras, pois esses processos influenciaram a atual configuração das cidades e da arquitetura no Brasil. Além disso, considerando que o Ecletismo abrangeu estilos diversos, em sua maior parte desvalorizados perante a Arquitetura Colonial, é importante tentar compreender as diferentes orientações que marcaram processos de preservação do

acervo arquitetônico, evidenciando as distinções entre a preservação da Arquitetura Colonial e a desvalorização da Arquitetura Eclética. Por fim, esta investigação justifica-se pela necessidade de se contribuir para uma revisão crítica da historiografia relativa ao Ecletismo e para promover a proteção e a preservação das produções ecléticas ainda existentes no Brasil.

#### **1.4 Objetivos**

Este trabalho tem o seguinte **objetivo geral**:

Compreender, por meio de análise crítica histórico-documental, as transformações do Ecletismo durante o século XX, período de atuação dos arquitetos modernistas, tendo como objeto de estudo a tipologia eclética dos Chalés.

São **objetivos específicos** desta investigação:

- Compreender como se introduziu a Arquitetura Eclética em Ouro Preto
- Entender a relação entre a Arquitetura Colonial e o Ecletismo durante o século XIX e o século XX em Ouro Preto;
- Entender as características da tipologia dos Chalés ouro-pretanos erguidos no âmbito do Ecletismo;
- Compreender porque os Chalés permaneceram praticamente inalterados durante o período das intervenções modernistas;
- Contribuir para renovar, de forma crítica, a história da arquitetura em Ouro Preto e no Brasil;
- Estudando as condições em que os Chalés ouro-pretanos foram preservados, contribuir para a preservação destes e da Arquitetura Eclética, da qual estão inseridos.

#### **1.5 Métodos e técnicas de pesquisa**

Na primeira parte desse estudo será elaborada uma análise histórico-documental da produção arquitetônica de Ouro Preto no século XIX e XX. Em especial, será confrontada essa produção local às produções ecléticas, em particular ao estilo Neoclássico, que nessa mesma época marcaram o ambiente construído do Rio de Janeiro, a capital do Brasil e o centro de processos de industrialização e de modernização que alcançaram Minas Gerais. Para tanto, é necessário analisar trabalhos científicos dos campos da Arquitetura e da História Cultural, como teses, dissertações, livros, artigos e dossiês.

Para compreender a permanência da tipologia dos Chalés ouro-pretanos durante o período das intervenções modernistas na Arquitetura Eclética local, será realizado um estudo de campo com análise dessa tipologia, por meio de fotografias, desenhos e registros históricos, comparando os exemplares existentes com os registrados do acervo fotográfico de Luiz Fontana<sup>11</sup>, fotógrafo atuante na cidade entre os anos 1930 e 1950. Esse acervo pertence ao IFAC/UFOP<sup>12</sup>. Além disso, é fundamental confrontar esses resultados com dados levantados sobre as edificações ecléticas que sofreram alterações decorrentes das intervenções modernistas em meados do século XX.

Por fim, deverá ser elaborada uma análise crítica geral, a partir dos dados levantados na pesquisa e das informações nela produzidas.

---

<sup>11</sup> Luiz Fontana (1897-1968) foi um fotógrafo de Ouro Preto que registrou a cidade nas décadas de 1930 a 1960. Seu trabalho contribuiu para a preservação e valorização da documentação fotográfica do município. OLIVEIRA, Alexandre Augusto de. *O olhar do fotógrafo Luiz Fontana: documentação de Ouro Preto (1930-1960) - fotografia e arte pública: um estudo de caso*. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado em Concentração em Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/87007>>. Acesso em: 04 set 2019.

<sup>12</sup> Instituto de Filosofia, Arte e Cultura (IFAC) gerenciado pela Universidade Federal de Ouro Preto.

## 2 ARQUITETURA ECLÉTICA

### 2.1 Ecletismo no Brasil durante os séc. XIX e XX

A introdução do Ecletismo em Ouro Preto iniciou-se no século XIX e se difundiu até o começo do século XX. A origem desse estilo, segundo Paulo Santos, está ligada à fusão entre outros dois estilos, o Neoclassicismo e o Romantismo, produzindo uma nova forma de construção que culmina na mistura de elementos arquitetônicos de épocas diferentes em uma única edificação (SANTOS, 1981, p. 69).

O Neoclassicismo marcou o Período Imperial brasileiro, com maior predominância no Rio de Janeiro do século XIX. Esse estilo retoma as características e elementos da Antiguidade greco-romana, visualizado principalmente nas edificações européias. No Brasil, porém, esse estilo também apresenta, além da Antiguidade Clássica, atributos que remetem à Era Renascentista. O arquiteto responsável pela disseminação do Neoclassicismo no país neste período foi Grandjean de Montigny<sup>13</sup>. Lecionava na cidade do Rio de Janeiro, onde empregava técnicas arquitetônicas que foram difundidas em todo o país, além de aplicar técnicas, durante seu ensino, que retomavam as características da Antiguidade Clássica (SANTOS, 1981, p. 52).

No livro *Quatro Séculos da Arquitetura* de Paulo Santos, há a descrição das características principais das edificações Neoclássicas brasileiras, que consistem: no desaparecimento dos beirais de telhas à vista, substituídos por platibandas; uso de cantaria aparelhada no exterior; uso do frontão triangular; a verga reta ou arco abatido são substituídos por arco pleno; as folhas das portas externas possuem vidro com bandeiras e as internas possuem almofadas; o pé direito das edificações aumenta; e a simetria assume seu lugar nas plantas das edificações (SANTOS, 1981, pp. 53-54).

---

<sup>13</sup> Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850) foi um arquiteto durante o período da Missão Francesa de 1816, responsável pela Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro. PORTAL IPHAN, Brasília, 2014. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigo\\_do\\_Patrimonio\\_Consequencias\\_funestas\\_da\\_crueis\\_guerra\\_contra\\_Bonaparte\\_e\\_outros\\_inventos\\_da\\_paixao\\_2009.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigo_do_Patrimonio_Consequencias_funestas_da_crueis_guerra_contra_Bonaparte_e_outros_inventos_da_paixao_2009.pdf)>. Acesso em 04 set 2019.

Em especial atenção, Paulo Santos descreve algumas características que se sobressaem na tipologia dos Chalés:

[...] eram também os grandiosos *chalets* com empenas providas de beirais debruados de lambrequins<sup>14</sup> abertos à serra de fita, tímpanos<sup>15</sup> estucados<sup>16</sup> à Renascença, envasaduras guarnecidas de cantaria (em arco ou em verga) arrematadas com sobreverga de massa ornamentada. [...] O estuque do tímpano, às vezes era estereotipado e fabricado em série, se repetindo em muitos *chalets*, noutros o tímpano era de madeira, rendilhado, *a-jour*. E o rendilhado acontecia de ficar situado à frente, entre os esteios e a varanda, ocupando mais da metade da altura do pavimento. [...] Ainda noutros repetiram-se nos gradis de ferro os motivos Renascença do tímpano (SANTOS, 1981, p. 68).

A descrição anterior relata elementos que moldaram o modo de construir de um período, o marco da Revolução Industrial. Demonstra a diferença entre as técnicas utilizadas antes da Revolução, a Arquitetura Colonial e depois desse marco histórico, a Arquitetura Eclética. Enquanto o estilo Colonial brasileiro possuía influências do Barroco e do Rococó europeu, o Ecletismo se baseava na arquitetura antecessora, com características da Antiguidade, retomando o Classicismo, e a arquitetura da Idade Média com o Gótico, entre outros estilos. Essa compilação de estilos atingia também o Romantismo que tendia para o bucolismo e o pitoresco (LORENZONI, 2015, p. 2).

O Romantismo, também visto com relevância no Rio de Janeiro, pode ser contemplado nos jardins, nas casas tradicionais e na tipologia dos Chalés. O uso do ferro é evidente nesse estilo, o que retoma o contexto histórico industrial, além desse material, a utilização de madeira aparelhada em máquinas, o uso do vidro e outros metais como o cobre e ligas como o latão, também remetiam à Revolução Industrial. Os jardins românticos geralmente eram

---

<sup>14</sup>Lambrequin: “Ornatos de recortes de madeira ou de lâmina metálica para beira de telhados ou que pedem em trabalho de telha recortada de baldaquins, sanefas ou dosséis de retábulos.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 155.

<sup>15</sup> Tímpano: superfície central do frontão.

<sup>16</sup> Estuque: “Argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo traçado de metal ou treliça de madeira que se usam como paredes secundárias. Forros e ornamentos.” Id., 1996, p. 42.

aplainados, possuíam muros ou gradis ao seu redor, com formas de círculo contornando as árvores (SANTOS, 1981, p. 67).

**Figura 01: Jardins na Praça Tiradentes, por volta de 1870**



Fonte: Biblioteca Nacional. Foto de Guilherme Liebenau. Foto tirada por volta de 1870.

**Figura 02: Praça Tiradentes 1948.**



Fonte: Acervo Luis Fontana.

A Figura 01 demonstra a presença de jardins na cidade de Ouro Preto. A presença do guarda-corpo de ferro contornando o jardim e as formas circulares remetem ainda mais os jardins românticos da época. Contudo, a Figura 02 expõe o curto período em que a Praça Tiradentes era inspirada em uma paisagem européia.

O Romantismo abarcou não somente as paisagens urbanas, como também a arquitetônica. As construções do tipo Chalé têm sua origem no Romantismo e chega ao Brasil em meados do século XIX e perdura até meados do século XX. Algumas construções dessa tipologia podem ser encontradas hoje, preservadas e algumas novas construções possuem elementos e características que a remetem.

A influência do Ecletismo no Brasil aconteceu devido à Revolução Industrial que disseminou suas características, além da Europa, para todos os continentes. Isso aconteceu em meados do século XIX, após a união estilística entre o Neoclassicismo e o Romantismo em que eclode o Ecletismo.

A arquitetura Romântica brasileira possuía sua maior representação nos Chalés, e a arquitetura neoclássica abrangeu todo o país, com sua origem intimamente ligada à Missão Artística Francesa em 1816. A Missão consistia em construir no país uma Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, com o intuito de gerar empregos e desenvolvimento do comércio, da agricultura, mineração e indústria. A Academia de Belas Artes foi inaugurada em 1826 (REIS FILHO, 2000, pp.116-117).

A Academia foi responsável pela difusão do Neoclassicismo, no Rio de Janeiro, pela construção de edifícios de grande importância nos quais muitos estão conservados, como o Palácio Itamarati, o Palácio Imperial de Petrópolis e residências de grandes proprietários rurais e membros da corte. As mudanças proporcionadas na arquitetura também influenciaram no desenvolvimento dos núcleos urbanos, promovendo alterações no modo de vida familiar e da sociedade, nas quais casas mais rústicas ganham elementos decorativos e as mais abastadas promovem intensa vida social (REIS FILHO, 2000, pp. 117-118).

As principais características dessas construções foram descritas por Nestor Goulart, em seu livro *Quadro da Arquitetura no Brasil*, demonstrando que o estilo brasileiro ainda seguia o modelo europeu ao possuir “clareza construtiva e simplicidade de formas.” Além disso,

outros atributos utilizados eram os elementos das platibandas e cornijas, principalmente nas fachadas. Goulart ainda continua:

As paredes, de pedra ou de tijolo, eram revestidas e pintadas de cores suaves, como branco, rosa, amarelo ou azul pastel e sobre o fundo se destacavam janelas e portas, enquadradas em pedra aparelhada e arrematadas em arco pleno, em cujas bandeiras dispunham-se rosáceas mais ou menos complicadas, com vidro (REIS FILHO, 2000, p. 117).

As transformações realizadas por essa arquitetura durante o século XIX foram além da retomada de edificações passadas, foram a união dessas técnicas antigas com um novo modo de construir. Buscavam a compatibilidade da produção arquitetônica com a recente mudança no país e no mundo, proporcionada pela Revolução Industrial, no qual a Europa era o centro da inspiração para o Brasil, principalmente a cultura francesa (LORENZONI, 2015, p. 2).

## **2.2 Influência da arquitetura Neoclássica**

A produção arquitetônica do século XIX buscava representar a modernização do país. O Neoclássico, maior representante arquitetônico dessa modernização, era inspirado nas edificações européias como forma de demonstrar esse desenvolvimento do Brasil (REIS FILHO, 2000, p. 116). Além das construções desse estilo, também houve transformações urbanas, como a reforma do Pereira Passos<sup>17</sup> no Rio de Janeiro, que não somente remodelou o litoral da cidade, como removeu toda a população ali residente, na qual culminou no acúmulo de moradias na periferia (ROSSI, 2017, pp. 20-21).

No texto de Balandier, o autor retrata a ligação entre as transformações urbanas com a arquitetura da época, que tinha como característica principal, a retomada das técnicas utilizadas nos estilos de períodos anteriores. Este faz uma comparação entre dois aspectos sociais que regiam a época e que culminaram na mesma consequência. O primeiro aspecto é a

---

<sup>17</sup>Francisco Pereira Passos (1836-1913) foi membro da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro em 1875, é nomeado como prefeito do Rio de Janeiro em 1902 e um dos responsáveis pelo Plano de Melhoramento da cidade do Rio de Janeiro. (ROSSI, 2017, pp. 18-21)

busca da modernidade por “tendências provocadoras de grandes mudanças” e o segundo aspecto demonstra que as sociedades anteriores “reiteravam certos acontecimentos, comemoravam e celebravam”, apresentando sua inspiração no passado. Completa:

Nos dois casos, o efeito pretendido é o mesmo: trata-se de apaziguar o presente e de tranquilizar, quer acentuando-se a continuidade, quer tornando-se o futuro menos temível dando-lhe uma forma definida e aceitável. [...] A ocupação simbólica da função soberana deve ser conservada, ainda que as aparências técnicas sejam multiplicadas (BALANDIER, 2006, pp. 64-65).

O autor explicita em seu texto que o estilo Neoclássico era a solução para os dois aspectos levantados pela sociedade, ele apresentava características e elementos produzidos pela Revolução Industrial demonstrando a continuidade e desenvolvimento da sociedade, ao mesmo tempo em que possui atributos e técnicas utilizadas em uma arquitetura familiar, o que não causa estranhamento para a sociedade.

As mudanças urbanas e arquitetônicas mais importantes foram realizadas nas principais cidades do Império. As técnicas utilizadas nos estilos arquitetônicos passados foram aprimoradas e a utilização delas carregava o significado da modernização. Contudo, o neoclassicismo pode ser encontrado em outras regiões. Províncias menores apresentavam edificações desse estilo, porém com maior simplicidade. As técnicas eram superficiais, caracterizando “cópias imperfeitas da arquitetura dos grandes centros urbanos do litoral” (REIS FILHO, 2000, p. 123).

A influência da produção arquitetônica do Rio de Janeiro chegou até as províncias brasileiras com baixo vigor. O apuro da técnica era deixado de lado devido às condições do local, da mão-de-obra e da disponibilidade de materiais. Não era possível construir colunatas, escadarias ou soluções mais complexas, porque a técnica utilizada nessas províncias para a produção era a taipa de mão, o adobe ou o pau-a-pique. Em suma, as edificações possuíam apenas elementos que remetessem a produção neoclássica, como as platibandas, acabamento das fachadas e janelas e portas em arco pleno (REIS FILHO, 2000, pp. 124-126).

“Assim, considerando à primeira vista que o neoclássico no Brasil ou era produto de quase total importação – e portanto extremamente raro – ou sem profundidade, poder-se-ia aceitar, facilmente, a tese, tão difundida, da dependência cultural total do Brasil em relação à Europa” (GOULART, 2000, p. 136).

O Brasil, durante os séculos XIX e XX, teve sua produção arquitetônica atrelada às construções européias. Essa influência proporcionou o desenvolvimento das edificações brasileiras voltadas para evidenciar a modernização do país. As edificações neoclássicas portavam influências em diversas regiões, incluindo as principais capitais, porém suas características foram modificando ao longo do percurso, sendo que as regiões prósperas tinham atributos mais próximos às edificações européias, enquanto as construções das províncias, apenas alguns elementos que remetiam esse estilo (REIS FILHO, 2000, p. 116).

### **2.3 Relação dos arquitetos modernos com o Ecletismo**

Até 1837, qualquer edificação histórica não era vista como algo a ser preservado. Esse contexto mudou após a primeira Comissão dos Monumentos Históricos que ocorreu na França, em que surge a noção de monumento histórico. Conjuntamente, neste século, são consolidados os Estados-Nação e a formação de uma identidade nacional (RIBEIRO, 2013, p. 1). A partir da concepção de monumento, que é caracterizado por Choay como “[...] qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar as outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 1925, p. 17), há uma busca pela definição de o que caracterizaria a identidade nacional.

A idéia de proteção do patrimônio está ligada ao modernismo devido aos pensadores e arquitetos da época que disseminava a teoria modernista pelo Brasil. Foram estes os responsáveis pela criação do SPHAN, maior órgão de proteção ao patrimônio brasileiro. Estes intelectuais acreditavam que o patrimônio a ser exaltado como identidade nacional estava relacionado à arquitetura produzida entre os séculos XVI e XVIII, ou seja, a produção Colonial, com influências portuguesas. Defendiam que a Arquitetura Colonial possuía atributos que a colocavam como uma produção originalmente brasileira (RIBEIRO, 2013, p. 1).

Se a noção de identidade arquitetônica brasileira está ligada mais ao barroco do que às arquiteturas pré-descobrimento, talvez o seja, porque o barroco foi, de certa maneira, um estilo quase próprio (CARVALHO, 2002, p. 21).

Considerando essa produção arquitetônica durante o Período Colonial, foi atribuído aos arquitetos contemporâneos que perpetuassem esse estilo, o que deu origem ao estilo Neocolonial, produzido durante o século XX. Conjuntamente a difusão do Neocolonial, há o surgimento da produção modernista e com ela, a discussão pautada em duas faces: a primeira que defende o Neocolonial como a principal derivação do Colonial e, portanto, a verdadeira continuidade desse estilo; e a outra que defende ser o modernismo a representação máxima dessa perpetuação (RIBEIRO, 2013, p. 1).

O estilo Neocolonial foi difundido pelo país, até de encontro com o Neoclássico no Rio de Janeiro, e ganhou força por causa da elite local que queria construções que não reproduzissem a arquitetura estrangeira. Observa-se que a arquitetura Neocolonial, apesar de possuir suas origens na arquitetura produzida pelos portugueses, não é vista como um estrangeirismo, e sim como a verdadeira raiz nacional, pois essa arquitetura seria efetivamente brasileira. Para tanto, as Escolas de Belas Artes das principais cidades do país, contribuíram para a reprodução desse estilo (RIBEIRO, 2013, pp. 1-4).

O resgate dessa tradição foi necessário em virtude da invasão de estilos ecléticos cada vez mais alheios à vida brasileira, que não se identificavam com nossa cultura e que não contribuíam para uma valorização de nossa história. O Neocolonial faz parte desta clara reação de retorno ao passado, que conduz a uma transformação das formas de vida e que se reflete imediatamente na arquitetura (CARVALHO, 2002, p. 33).

Por vezes, o estilo Neocolonial foi confundido com o Eclético, devido a sua retomada da tradição e características da produção colonial, porém a diferença entre eles é que, enquanto o Ecletismo reflete a modernidade introduzida pela Revolução Industrial e busca, no passado, elementos que visam demonstrar esse progresso, o Neocolonial é a construção voltada para a identificação da raiz nacional, a verdadeira arquitetura brasileira. Segundo

Carvalho, “Os seguidores e praticantes do Neocolonial tinham a idéia de valorizar o passado e de criar uma identidade própria para a arquitetura nacional que fugisse da imagem do Ecletismo importado” (CARVALHO, 2002, p. 45).

A busca pela identidade nacional, o surgimento do Neocolonial e a discussão abordada pelo Modernismo auxiliaram na proposição inicial de reconhecer a Arquitetura Colonial como monumento histórico e, conseqüentemente, na preservação da mesma. Após a criação do SPHAN, em 1937, houve uma reação para a preservação principalmente da arquitetura entendida como autenticamente brasileira. Contudo, não foi somente a preservação que ganhou espaço nesse momento. A retomada pelo estilo Colonial aflorou não só nas novas construções, mas também influenciou na remodelação da Arquitetura Eclética, que era vista como um estrangeirismo e, portanto, não digna de apreciação (CARVALHO, 2002, p. 47).

O repúdio pela produção eclética é refletido nas falas de Lúcio Costa<sup>18</sup>, um dos principais modernistas da época. Apesar da diferença entre o Neocolonial e o Ecletismo, Costa afirma que:

“Foi contra essa feira de cenários arquitetônicos improvisados que se pretendeu invocar o artificioso revivescimento formal do nosso próprio passado, donde resultou mais um pseudo-estilo, o neocolonial, fruto da interpretação errônea das sábias lições de Araújo Viana, e que teve como precursor Ricardo Severo<sup>19</sup> e por patrono José Marianno Filho<sup>20</sup>” (COSTA, 1995, p. 164).

Fica claro o desapego de Lucio Costa em relação à Arquitetura Eclética, o que futuramente repercutiria nas transformações desta arquitetura com ornamentos para descaracterizá-las, reascender e explorar a produção colonial.

---

<sup>18</sup> Lúcio Costa foi arquiteto e urbanista moderno. Ficou nacionalmente conhecido após projetar o Plano Piloto de Brasília. Em 1931, se torna diretor da Divisão de Estudos e Tombamentos do SPHAN.

<sup>19</sup> Ricardo Severo foi considerado o precursor da produção arquitetônica Neocolonial no Brasil em 1914, principalmente em São Paulo. Arquiteto e engenheiro português, que após a sua palestra “A Arte Tradicional Brasileira”, difundiu o que seriam as bases para essa produção.

<sup>20</sup> José Marianno Filho foi o disseminador da arquitetura neocolonial no Rio de Janeiro. Um dos principais ideólogos da valorização da arquitetura colonial que promoveu uma campanha contra a atuação de Lucio Costa como diretor da ENBA, quando este queria reformar o ensino, propondo um modelo mais moderno.

As primeiras ações de proteção do SPHAN, como retrata Motta, foram para a “manutenção dos conjuntos tombados como objetos idealizados”. Essas ações implicaram em novas construções que simulavam a Arquitetura Colonial, o que provocava uma arquitetura pastiche (MOTTA, 1987, p. 108). Além disso, o controle do SPHAN se dava principalmente na aprovação de novos projetos, o que impossibilitava a população local de construir suas residências sem ser no “estilo patrimônio” (CASTRIOTA, 2009, p. 143). Assim, percebe-se que o órgão não consegue conciliar o desenvolvimento da cidade, bem como a preservação do que existia.

Do início da preservação, pode-se perceber que a conservação desse patrimônio estava fadada a reprodução de um monumento idealizado, desconsiderando toda a produção histórica posterior ao Período Colonial destinando a população local a manter esse ideal construído em cima de uma produção fora do seu tempo. Medidas foram tomadas pelo SPHAN, em que há a modificação da produção arquitetônica pós-Colonial, apagando-a.

#### **2.4 Relação entre o Eclétismo e a Arquitetura Colonial em Ouro Preto**

Como exposto anteriormente, a Arquitetura Colonial foi importante para a formação do país por ser o primeiro estilo a ser aplicado nas províncias brasileiras, assim como a Arquitetura Eclética também foi um marco por remeter os princípios de desenvolvimento propostos pela Revolução Industrial no século XIX. Apesar disso, as características da Arquitetura Eclética possuem variáveis entre o que foi produzido nas capitais e nas províncias. As edificações nas capitais possuíam atributos mais próximos às influências européias, enquanto nas províncias apenas elementos foram utilizados na produção.

Assim como nas cidades mais prósperas, a arquitetura produzida nos pequenos municípios também foi alvo da ideologia modernista, em que se deve proteger a identidade nacional, ou seja, a Arquitetura Colonial. Em contra partida, o Eclético foi apenas rejeitado como arquitetura.

Na carta pessoal do arquiteto Lucio Costa ao Diretor do SPHAN sobre a construção do Grande Hotel de Ouro Preto, pode-se perceber a preferência dos arquitetos modernistas em

manter a Arquitetura Colonial e a produção da Arquitetura Moderna, em detrimento da Arquitetura Eclética.

“... só o novo-rico procura escondê-los ou fabricá-los especialmente no mesmo estilo para não destoarem do ambiente; da mesma forma que o automóvel de último modelo trafega pelas ladeiras da cidade monumento, sem causar dano a ninguém, concorrendo mesmo, talvez, para tornar a sensação de ‘passado’ ainda mais vivo, assim, também, a construção de um hotel moderno, de *boa arquitetura*, nada prejudicará Ouro Preto, [...]” (MOTTA, 1987, p. 110).

A produção arquitetônica de Ouro Preto está relacionada com a formação da cidade. Sua origem está ligada à descoberta de ouro na região e à formação de pequenos arraiais em torno das minas durante o século XVII. Em 1711, Ouro Preto é elevada a categoria de vila e recebe o nome de Vila Rica. Entre 1730 e 1765, houve a implantação da Praça Tiradentes e se inicia o declínio do ouro. Durante esse declínio, há o esvaziamento da cidade, que irá se agravar após a mudança da capital para Belo Horizonte (LEMOS; MARTINS; BOIS, 2006, p. 2).

Com a chegada da Revolução Industrial no país, em meados do século XIX, Ouro Preto vê a chance de se manter como a capital da Província de Minas Gerais, e para isso tenta modernizar-se. O estilo eclético foi o principal artifício utilizado para tal, já que este era o símbolo do progresso. A cidade recebe então novas arquiteturas no estilo Eclético e algumas casas já existentes ganham ornamentos contemporâneos, porém estas alterações não impedem a mudança da capital para Belo Horizonte e a cidade perde muitos habitantes (LEMOS; MARTINS; BOIS, 2006, p. 9).

A partir desse momento, Ouro Preto permanece praticamente intacta, até a década de 1920 e 1930, quando os modernistas começam a busca pela identidade nacional. Assim como o Movimento Moderno surgiu para demonstrar a verdadeira identidade nacional nas artes em 1922, a busca pela arquitetura autenticamente brasileira foi promovida pelos arquitetos modernos na década seguinte. Tal procura encontrou sua resposta na Arquitetura Colonial, mais especificamente no Barroco Mineiro (CASTRIOTA, 2009, p. 137).

Assim, pode-se constatar que o Movimento Modernista, atuou no sentido de redescobrir a nação a partir de novos princípios, da criação simbólica, da valorização estética e de um encontro da tradição com o contemporâneo; e de forma sensível e sensata, conseguiram atribuir ao Barroco Mineiro à representação da identidade nacional com uma imagem legítima, autorizada e institucionalizada enquanto arte nacional (Rezende, 2011, p. 27).

Considerando o interesse do Movimento Moderno no Barroco Mineiro por julgar ser este o estilo que representa a identidade nacional arquitetônica, auxilia no processo de preservação deste patrimônio. A primeira medida realizada é a elevação do patrimônio ouro-pretano a “monumento nacional” em 1933, conjuntamente com a criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1937, que introduz o instrumento de “tombamento”, sendo a primeira política de preservação (CASTRIOTA, 2009, p. 140).

A leitura dada pelo Movimento Moderno em relação ao Barroco Mineiro visava entendê-lo como a arquitetura de raiz nacional, sendo assim, as arquiteturas dignas seriam a Moderna e a Colonial. Portanto, a arquitetura produzida no período entre essas outras duas mencionadas, o Eclétismo, foi esquecida (CASTRIOTA, 2009, p. 141). A visão, contudo, do monumento nacional era puramente estética colocado por Castriota, quando afirma que “Assim, não é de se estranhar que o próprio ato de tombamento de Ouro Preto já aponte como valor decisivo o “valor artístico” e não o “valor histórico” do conjunto, que é visado, antes de tudo, sob o ponto de vista estético” (CASTRIOTA, 2009, p. 141).

Após o estabelecimento e início do funcionamento do SPHAN, Ouro Preto protagonizou mudanças em sua arquitetura, em que a Arquitetura Eclética perde seus elementos característicos e é transformada em um novo Colonial. Estas alterações podem ser vistas, por exemplo, no Cinema Vila Rica, demonstrado nas Figuras 04 e 05, em que elementos da sua fachada são retirados, para “atenuar seu aspecto bastardo”, nas palavras de Lúcio Costa. Salgueiro afirma que os frontões foram eliminados “substituindo o ártico ornamental por telhado de beirais no “estilo Colonial”, “uniformizou-se” também o arco pleno das janelas, “conservando-se, porém o entablamento<sup>21</sup> e as pilastras<sup>22</sup>” (SALGUEIRO, 1996, pp. 136-137).

---

<sup>21</sup> “Entablamento: 1. Um dos elementos caracterizadores das ORDENS clássicas da arquitetura. 2. No RETÁBULO, é a parte superior das COLUNAS e PILASTRAS, compreendendo a ARQUITRAVE, o FRISO e a CORNIJA.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, 143 p.

**Figura 03: Cine Vila Rica no estilo Eclético.**



Fonte: MOTTA, 1987, p. 111. (modificado pela autora) Foto tirada em meados do século XIX.

**Figura 04: Cine Vila Rica após a intervenção modernista.**



Fonte: MOTTA, 1987, p. 111. Foto tirada por volta de 1910-1940.

Podem-se perceber por meio dos registros históricos do Cine Vila Rica as alterações, que não somente afetaram os elementos ecléticos, como também a ordenação da fachada, com mudanças nas aberturas.

As mudanças realizadas nessas edificações, visando uniformizar a cidade, provocaram um falso histórico arquitetônico. Acreditando na identidade nacional e promovendo as

---

<sup>22</sup> “Pilastras: Diz-se das COLUNAS ou PILARES integrados às paredes, apresentando-se ligeiramente salientes.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, 73 p.

alterações, principalmente nas fachadas das Arquiteturas Ecléticas, os modernistas ocasionaram a construção de uma arquitetura pastiche.

As medidas ditadas por uma visão uniformizante da cidade falseiam a percepção dos diferentes momentos de sua historicidade, estagnando-a em nome de um século XVIII mítico, que convinha ser louvado como a idade do ouro. Assim, apagam-se ou assimilam-se de maneira tácita os aportes posteriores, enquanto uma ação mais radical predomina no que se refere aos motivos mais “visíveis” do século XIX, que são taxados de “desnaturados” (SALGUEIRO, 1996, p. 137).

Outra alteração que marcou a paisagem de Ouro Preto foi a supressão do Mercado do Largo de Coimbra, apresentado na Figura 05, em 1946-1947. O Mercado era uma estrutura localizada em frente à Igreja São Francisco de Assis, no estilo neoclássico, porém, nessa data, este é derrubado para que privilegie a visão da igreja, bem como da vista que ali possuía. Com este gesto do SPHAN, há mais uma vez a intervenção em uma Arquitetura Eclética, que não somente é alterada, como apagada da paisagem (CASTRIOTA, 2009, p. 145). No Largo hoje, encontra-se a conhecida Feira de Pedra e Sabão, onde comerciantes expõem suas mercadorias ao ar livre, geralmente pequenos adornos produzidos com a pedra.

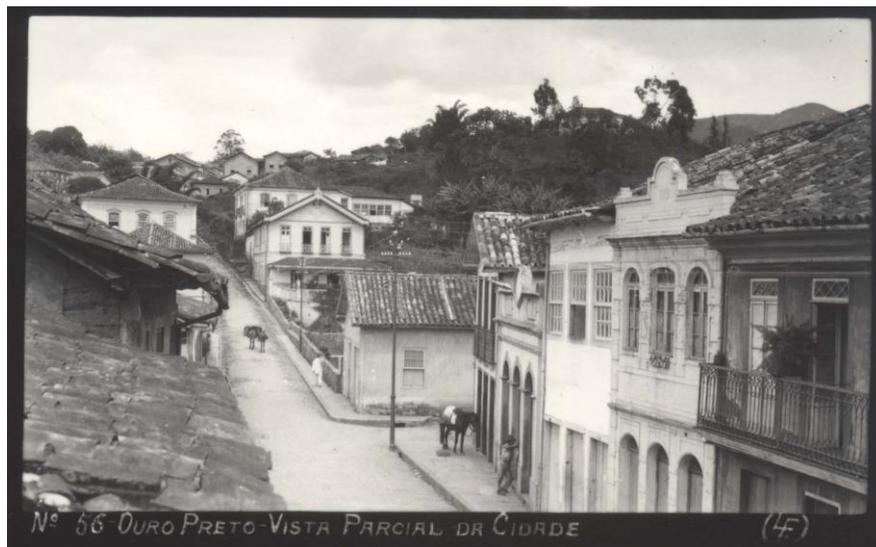
**Figura 05: Mercado do Largo de Coimbra, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana. (modificado pela autora) Foto tirada por volta de 1920-1960.

Nas fotos seguintes podemos perceber as modificações realizadas em algumas das Arquiteturas Ecléticas de Ouro Preto e de alguns elementos urbanísticos. Essas alterações seguiam o ideal de construir e manter uma cidade homogeneamente Colonial, nas quais as edificações perdem elementos, sendo o principal, a platibanda. Esse elemento é uma característica intrínseca do Eclétismo e que os modernistas foram apagando durante as intervenções.

**Figura 06: Rua Bernardo de Guimarães – Rosário, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

**Figura 07: Rua Bernardo de Guimarães Atual – Rosário, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

Nessa comparação das Figuras 06 e 07 podemos perceber que a segunda casa da direita para a esquerda sofreu uma modificação na fachada que consiste na remoção do elemento da platibanda, e no seu lugar foi exposto um beiral avançado, remetendo as características coloniais e homogeneizando com as casas vizinhas.

**Figura 08: Ministério Público no estilo Eclético.**



Fonte: Acervo do Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

**Figura 09: Ministério Público. Atual.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

O mesmo acontece nesse exemplo, onde o que hoje é o Ministério Público, apresentado nas Figuras 08 e 09, da cidade. Houve alterações realizadas sob o viés modernista, em que a platibanda<sup>23</sup> é removida. Neste caso, esse elemento não era apenas um ornamento simples, mas tinha um trabalho mais rebuscado, com detalhes mais sofisticados, demonstrando maior valor na época.

**Figura 10: Rua São José – Centro, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

**Figura 11: Rua São José. Atual– Centro, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

<sup>23</sup> “Platibanda: Espécie de mureta, de alvenaria, maciça ou vazada que, no topo das paredes, serve para, encobrindo as águas dos telhados ou protegendo terraços, compor ornamentalmente uma fachada.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 73.

Por meio das Figuras 10 e 11, podemos conferir mudanças em elementos urbanísticos. Na Figura 10, observa-se a utilização do gradil de ferro para a proteção na ponte, porém na Figura 11 vemos que esse gradil é retirado e em seu lugar é levantada uma mureta em pedra. Esta modificação foi realizada pela Inspeção dos Monumentos Nacionais, órgão que antecedeu o SPHAN, durante a década de 1930, intervenção esta, com caráter saudosista e conservador, caracterizando uma intervenção Neocolonial. (MAGALHÃES, 2017, p.245)

### 3 OBJETO DE ESTUDO

#### 3.1 Tipologia Eclética dos Chalés

O século XVIII foi o período da transformação e modernização. Durante essa época, na Inglaterra, houve o apogeu da Revolução Industrial no qual os modos de produção são automatizados e os produtos são feitos em grande escala. As mudanças na maneira de se confeccionar alteram não somente o número de artigos no mercado, como impulsiona a economia. Com a economia em alta, outras áreas também se modificam, como por exemplo, a área de construção, em que a arquitetura e o urbanismo tentam acompanhar a economia e a demanda de mercado. Essas transformações derivam do ideal de modernização proporcionado pela Revolução Industrial.

Este ideal se expandiu para localidades próximas e alcançou o Brasil em meados do século XIX. Novos materiais são produzidos e com eles, novos modos de se construir. O estilo arquitetônico que utilizava esses novos materiais e carregava este ideal de modernização foi o estilo Eclético que atingiu diversas regiões do país. Estes novos materiais podem ser reconhecidos no uso de madeira, telhas e tijolos industrializados; peças metálicas na serralheria e, mesmo, em estruturas; chapas de vidro industrializadas. Apesar de ser um marco arquitetônico e histórico, este estilo foi fadado a alterações e, até mesmo, ao esquecimento, durante as primeiras décadas do século XX, quando os arquitetos modernistas afloram um novo sentimento de reconhecimento nacional.

A Arquitetura Eclética, também conhecida como arquitetura acadêmica, atingiu maiores proporções no Rio de Janeiro, com edificações apresentando referências de diferentes estilos. Essa arquitetura acadêmica seguia algumas técnicas de construção em que as principais características eram a simetria; a composição das formas que seguia uma hierarquia de espaços, sendo que essas duas atribuições culminavam em uma proporção geométrica. Além disso, algumas arquiteturas tiveram suas ornamentações com função de encobrir os detalhes em ferro que sustentavam a edificação (CZAJKOWSKI, 2000, pp. 5-9).

Paulo Santos descreve algumas características da Arquitetura Eclética:

“Eram típicas dessa época as casas com pilastras aplainadas (às vezes de ornamentação sobreposta); sacadas pesadamente estucadas ou de grades; entablamentos pseudoclássicos com perfilado nas pilastras às vezes arredondados nos cunhas; modilhões<sup>24</sup> e misulas<sup>25</sup> nas cimalthas<sup>26</sup>, que eram protegidas, na parte de cima, por fiadas de telhas de Roux Frères de Marselha; pesadas platibandas de tramos de balaustrada<sup>27</sup> intercalados de estilóbatas<sup>28</sup> e compoteiras de massa, [...]” (SANTOS, 1981, p. 70).

O estilo eclético pode ser separado em duas categorias. A primeira categoria é a retratada por Paulo Santos no texto citado, em que as edificações trazem elementos típicos que a caracterizam. A segunda categoria são as edificações que retomam técnicas e elementos utilizados em estilos arquitetônicos de outros períodos, como é o caso da Arquitetura Neogótica e a Neoclássica. Entre as tipologias do Ecletismo, há o Chalé com sua origem no estilo Romântico (SANTOS, 1981, pp. 65-66). A multiplicidade das edificações ecléticas reflete também na diversidade de técnicas expostas por elas, sendo que cada tipologia apresenta elementos distintos.

O Chalé como visto anteriormente, apresenta no lugar da “pesada platibanda” um frontão triangular remanescente do telhado em duas águas. O beiral que no eclético era encoberto pelo acabamento da platibanda, no Chalé apresenta detalhes com lambrequins. Entre os componentes dessa tipologia se assemelham aos utilizados na arquitetura acadêmica, como o uso do ferro em gradis e ornamentos (SANTOS, 1981, p. 68). Vale salientar que os elementos utilizados na tipologia dos Chalés eram comercializados por meio de catálogos de

---

<sup>24</sup> Modilhão: “Ornato em forma de S invertido, às vezes com função de suporte ou consolo, e pendente na cornija” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 158.

<sup>25</sup> Misula: “Ornato em talha de madeira ou cantaria, estreito na parte inferior e larga na superior que, à maneira do consolo, ressalta de uma superfície.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 158.

<sup>26</sup> Cimaltha: “Arremate superior da parede que faz a concordância esta e o plano do forro, ou do beiral.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 31.

<sup>27</sup> Balaústre: “Elemento vertical, em forma de coluna ou pilar para a sustentação de corrimão, peitoril, etc.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 25.

<sup>28</sup> Estilobato: “Plano ou, mais propriamente o último degrau de uma escadaria no qual se apóia uma colunata.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 42.

produtos industrializados, importados da Europa. Estes catálogos influenciaram o modo de construir e ornamentar a tipologia dos Chalés, trazendo elementos como os lambrequins, calhas e condutores de águas pluviais, grades e guarda-corpos de ferro para compor a fachada.

Essa tipologia, apesar de não se assemelhar em muitos aspectos com o Ecletismo, expostos pelo Paulo Santos, possui características remetentes ao Neoclássico. A utilização do frontão triangular é uma atribuição persistente na Arquitetura Neoclássica repetida na tipologia dos Chalés, que nesta representa seu principal elemento, uma empena frontal triangular, separando o telhado em duas águas (SANTOS, 1981, p. 70). Também podem ser vistas nos Chalés, portas e janelas com bandeiras de vidro na parte externa, sendo esta característica advinda do neoclássico. Este último estilo carrega consigo técnicas utilizadas na Arquitetura greco-romana e uma delas é a utilização da simetria para construção da edificação. A utilização da simetria para na fachada principal também é encontrada na tipologia do Chalé (SANTOS, 1981, pp. 53-54).

Os Chalés possuem elementos exóticos e pitorescos, característica que deriva da arquitetura Romântica. O uso dos jardins frontais, cursos d'água, a implantação das edificações trazem esses pequenos atributos para essa tipologia. Assim como carrega características românticas a tipologia dos Chalés, traz alguns elementos do Neogótico, em voga na segunda metade do século XIX, como evidenciam as janelas com vergas ogivais ou triangulares.

Outro elemento característico dessa tipologia é a sua implantação. Com o telhado em duas águas e o beiral avançado, os Chalés possuem sua implantação diferenciada com relação à arquitetura Eclética, bem com a arquitetura Colonial. Geralmente implantada no ponto central do terreno, essa tipologia ainda pode contar com pequenos jardins frontais e laterais, bem como varandas ou entradas na fachada lateral da edificação. A implantação central do terreno, bem como os afastamentos frontal e laterais foram replicados nas edificações construídas em Ouro Preto, influenciando as outras arquiteturas da cidade.

**Figura 12: Rua Alvarenga nº 733 – Cabeças, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2017.

Na Figura 12 podemos perceber alguns aspectos citados anteriormente, como por exemplo, o uso de bandeira sobre portas e janelas; a utilização da simetria para compor a edificação; o telhado dividido em duas águas formando uma grande empena frontal triangular e o uso do guarda-corpo de ferro nas portas e no portão em frente ao jardim. Algumas dessas características dos Chalés são apresentadas no texto de Giovanna: Pode-se perceber também a implantação central dessa edificação em relação ao terreno, apresentando também um pequeno jardim frontal, que remete os jardins românticos, bem como a utilização de vergas ogivais nas portas e janelas que deriva da arquitetura Neogótica.

“Com suas empenas voltadas para a rua – no sentido oposto ao da tradição luso-brasileira, – enfeitados de lambrequins de madeira recortados à serra de fita, tímpano estucados à Renascença, janelas em arco ou verga reta guarnecidas de cantaria, arrematadas por ornamentos de estuque, e às vezes varandinhas de ferro fundido, os “chalés suíços” cariocas tinham na realidade muito pouco em comum com as habitações rurais da Europa, suíças ou não, e com suas reevocações “pitorescas” do século XIX, assemelhando-se mais às construções pré-fabricadas na técnica *balloon-frame* [...]” (DEL BRENNNA, 1987, pp. 36-37).

Percebe-se então que os Chalés apresentam elementos e técnicas influenciadas pelo estilo Neoclássico. Contudo essa tipologia não apresenta todas as características da

Arquitetura Eclética em si, carregando apenas algumas de suas atribuições, no qual o estilo Neoclássico é o maior influenciador. Os Chalés também possuem a mesma representação de modernidade que a arquitetura eclética trazia com a Revolução Industrial.

Os anúncios da *Casa do Chalet*, de 6 de março e 19 de setembro de 1873, além de constituir um sinal evidente da moda arrasadora que tomou conta da cidade no último quartel do século XIX, podem ajudar a entender melhor o papel desempenhado pelo gosto do pitoresco, e das novidades, no processo de assimilação das inovações técnicas e de introdução de materiais construtivos e decorativos de produção seriada na arquitetura tradicional brasileira (DEL BRENNNA, 1987, p. 36).

Outro elemento que aparece na tipologia do Chalé com origem no estilo Romântico são os jardins. Algumas edificações dessa tipologia possuem pequenos jardins na parte da frente da casa, que formam uma pequena entrada principal para a construção.

Foi com os chamados jardins à chinesa ou à inglesa, de formas sinuosas, relvados com tufo de arbustos entremeados com basto arvoredo, cursos d'água irregulares, pontos em arco, ruínas antigas, etc. -, que, em pleno século XVIII, ter-se-ia iniciado na arquitetura o surto romântico [...] (SANTOS, 1981, p. 66).

**Figura 13: Rua Professora Zizinha Cruz – Rosário, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

A Figura 13 é um dos exemplos de edificação da tipologia Chalé de Ouro Preto que apresenta elementos expostos anteriormente. Podemos perceber a empena frontal triangular, telhado em duas águas, beiral avançado, simetria na fachada principal, ornamento de lambrequim e também o uso do jardim frontal com uma pequena fonte de água remetendo os “cursos d’água” da Arquitetura Romântica. A presença do jardim só é possível pela implantação da casa, em que a fachada frontal é mais recuada em relação ao terreno.

### **3.2 Relação entre os Chalés e a Arquitetura Colonial de Ouro Preto**

Assim como toda a Arquitetura Eclética, o Chalé chega ao interior do país durante o século XIX, atingindo também a cidade de Ouro Preto. Contudo, diferente do que acontece com a arquitetura Neoclássica que é modificada em relação à arquitetura européia (chega ao país com técnicas e atributos apenas superficiais comparado à Europa), o Chalé não perde

suas características e chega ao país apresentando uma “formula de exotismo e mais modernidade que seduziu a cidade até o final do século [...]” (DEL BRENNNA, 1987, p. 36).

Ouro Preto é reconhecida pelo seu acervo Arquitetônico Colonial, porém a tipologia eclética dos Chalés que ali se localizam se sobressaem em relação à arquitetura do século XV ao XVIII. Arquitetura Colonial apresenta contribuições de uma tradição construtiva portuguesa, de longa duração, que os portugueses denominam *Estilo Chão* ou *Arquitetura Chã*. Essas contribuições do *Estilo Chão* foram combinadas a outras, extraídas de quatro estilos eruditos, que aparecem tanto na arquitetura religiosa quanto na arquitetura civil, em obras modestas e em obras monumentais. Os quatro estilos são: o *Maneirismo*, de raiz renascentista, italiano, mas muito próximo ao *Estilo Chão* português; o *Barroco* e o *Rococó*, italianos; o Pombalino, tipicamente português, já em uma transição para o Neoclassicismo.

O Maneirismo é a arquitetura portuguesa característica do século XVI, que possui os seguintes elementos: “usar a linguagem clássica a partir de formas geométricas básicas, com a proporção das fachadas próximas ao quadrado, frontão triangular e forte contrastes com as linhas marcadas pelo uso da pedra e o parâmetro branco, revelando um caráter eminentemente bidimensional [...]” (CZAJKOWSKI, 2000a, p. 6).

O Barroco pode ser caracterizado pela utilização do claro-escuro e da incorporação de movimento, elementos da linguagem clássica. Além disso, “são comuns nesse estilo a utilização de arranques de frontão, colunas torças e cartelas<sup>29</sup>.” Outra atribuição ao barroco era o uso de “folhagens de grande relevo e anjos com ricos panejamentos” (CZAJKOWSKI, 2000a, p. 8).

O estilo Rococó, assim como o Barroco, apresenta elementos em sua ornamentação que remetem a folhagens em alto relevo, contudo seus ornatos são irregulares e ondulantes, diferentemente dos elementos do Barroco. Outro aspecto em que estes dois estilos se diferem é o fato de que o Rococó apresenta elementos restritos a algumas partes do teto, divergindo do Barroco, que as paredes possuem ornamentos decorativos em toda a superfície da edificação. Além disso, o Rococó não possui colunatas e pilastras, estas foram substituídas por painéis emoldurados (CZAJKOWSKI, 2000a, p. 9).

---

<sup>29</sup> Catela: “Superfície lisa, geralmente à imitação de um pergaminho e colado no meio de um friso ou um pedestal, para se gravar uma insenção ou para ornato.” ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M.; MACHADO, R. G. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. 3. ed. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996, p. 135.

Outro estilo com retomadas de técnicas clássicas é o Pombalino, que possui nessas técnicas o retorno da rigidez das formas. Esse estilo ganhou força principalmente nas igrejas em meados do século XVIII. “As fachadas das igrejas são planas, e inteiramente revestidas de pedra e a ornamentação concentra-se nas portadas, painéis e sobrevergas.” Alguns exemplares possuíam frontão contra curvado e utilizavam talha nos interiores (CZAJKOWSKI, 2000a, p. 10).

Ao analisar as edificações coloniais, Adalgisa percebeu que esse estilo possui suas características principais na arquitetura religiosa, ao passo que a arquitetura “doméstica” não possuía “maior apuro na concepção e confecção” (CAMPOS, apud. PORTES, 2014, p. 30). Apesar de Adalgisa acreditar que a arquitetura civil não seja tão significativa quanto à religiosa, todo o conjunto arquitetônico de Ouro Preto, incluindo a arquitetura de menor apuro é importante para a história local e deve ser preservado. Ele continua:

[...] tem proporções modestas, pois a nobreza existente era de poucos recursos; estrutura de madeira com vedação, inclusive no próprio oitocentos, da técnica do pau-a-pique, feita com barro amassado, paus e cipós de embira; raramente apresenta obra decorativa (pintura de forros) ou atributos nobiliárquicos (brasões); cobertura com telha de barro curva (CAMPOS, apud. PORTES, 2014, p.30).

Ao percorrer Ouro Preto, observa-se harmonia e padronização nas fachadas das edificações coloniais em que a fachadas possuem a cor clara enquanto as esquadrias devem ser feitas em madeira. Essa padronização deve-se à Portaria nº 312, de 20 de Outubro de 2010, legislação essa que contém critérios de preservação do acervo histórico da cidade.

III -Todas as edificações deverão ter alvenarias externas rebocadas e fachadas pintadas em cores claras; IV - As fachadas deverão ter esquadrias em madeira e manter a proporção e o ritmo de cheios e vazios; V - Todas as edificações deverão seguir, preferencialmente, o alinhamento predial existente, objetivando harmonia no conjunto edificado;

Essa Portaria contém determinações não somente para as edificações coloniais, como também contemporâneas, e essas devem seguir praticamente o mesmo padrão, criando assim um pastiche.

**Figura 14: Rua Getúlio Vargas – Rosário, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

**Figura 15: Rua Alvarenga nº 427 – Cabeças, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

Por meio destas das figuras 14 e 15, podemos perceber que as edificações de Ouro Preto tendem a ser padronizadas, mesmo sendo de estilos e épocas diferentes. As cores utilizadas nas fachadas podem ser uma aplicação da lei, porém o beiral avançado o uso de telhas do tipo cerâmica curva e a simetria das aberturas são semelhanças entre as técnicas utilizadas em datas distintas. O frontão triangular, o ornato na fachada e o uso de formas geométricas são elementos também apresentados na Arquitetura Colonial. Apesar de possuir elementos da Arquitetura Colonial, o Chalé, como demonstrado anteriormente, carrega características da Arquitetura Eclética, como a entrada lateral, o próprio frontão, que também remete a arquitetura do século XIX, entre outros elementos.

### **3.3 Os Chalés durante o Período Moderno**

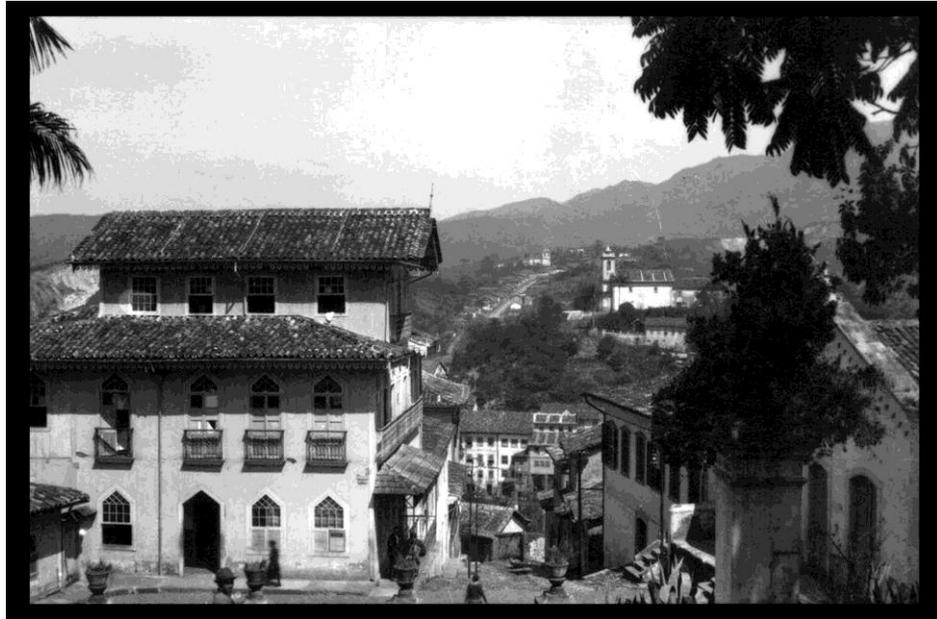
O Movimento Moderno foi responsável, durante o início do século XX, por buscar a identidade nacional, englobando não somente a área literária, como também a arquitetônica. O estilo Colonial foi identificado então como o representante autenticamente brasileiro no âmbito da arquitetura. Com o intuito de proteger esse estilo arquitetônico, foi criado o órgão de proteção ao patrimônio que tinha como principal objetivo conservar e preservar a Arquitetura Colonial, sendo Ouro Preto uma das principais cidades envolvendo esse estilo.

Por possuir o maior sítio conservado desde o Período Colonial, Ouro Preto é reconhecida como Monumento Nacional e é alvo das principais medidas realizadas pelo movimento moderno, sob responsabilidade do órgão de proteção ao patrimônio. Após a titulação de Ouro Preto como Patrimônio Nacional, a Arquitetura Eclética ali presente, como parte do desenvolvimento da cidade, passa por modificações que visavam homogeneizar a cidade e assim, exaltar a Arquitetura Colonial como a verdadeira identidade brasileira. Com isso, a Arquitetura Eclética sofre transformações e seus principais elementos são apagados e retirados da história. Houve a desvalorização e supressão dessa arquitetura, além do esquecimento desse período histórico e arquitetônico da cidade.

Como exposto antes, Ouro Preto possui, entre a Arquitetura Colonial, edificações no estilo eclético, em que algumas delas passaram por transformações durante o período de intervenções dos arquitetos modernistas. Entretanto, a tipologia dos Chalés em Ouro Preto

demonstra pouca ou quase nenhuma alteração desde a sua construção, como pode ser visto nas imagens posteriores.

**Figura 16: Rua Costa Sena – Centro, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

**Figura 17: Rua Costa Sena Atual – Centro, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora.

Nas figuras 16 e 17 vê-se um Chalé onde se manteve o detalhe de lambrequim contornando o beiral, bem como as janelas com bandeiras triangulares e guarda-corpos e ferro. Não há alterações perceptíveis com relação à fachada dessa edificação.

**Figura 18: Rua Alvarenga nº 12 – Cabeças, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

**Figura 19: Rua Alvarenga nº 12. Atual – Cabeças, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

Assim como nas imagens anteriores, observa-se nas Figuras 18 e 19 a permanência do lambrequim no beiral, o uso do ferro nos guarda-corpos e, além disso, os detalhes na empena frontal triangular. A varanda é mantida, elemento característico desta tipologia.

Durante a realização deste trabalho, pode-se perceber que dentre as tipologias ecléticas ouro-pretanas, o Chalé passou por modificações ínfimas ou inexistentes. Contudo, alguns exemplares dessa tipologia foram alvo da pureza estilística da cidade e tiveram seus frontões triangulares removidos, suas aberturas alteradas e detalhes característicos de uma construção eclética apagados. São notáveis as modificações nas imagens que se seguirão.

**Figura 20: Largo do Rosário 1930, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

**Figura 21: Largo do Rosário Atual, Ouro Preto.**



Foto: Elaborado pela Autora, 2019.

As Figuras 20 e 21 demonstram que os Chalés não saíram ilesos às intervenções modernistas na cidade na primeira metade do século XX. Contudo, são poucos os exemplares de Chalés que passaram por essas modificações. Neste caso, há a retirada do terceiro andar, com a remoção do frontão característico da tipologia Chale. Para que a edificação se harmonizasse com o entorno, o telhado foi modificado e alinhado com a residência vizinha. As aberturas permaneceram intactas.

Dentre as arquiteturas de grande importância do município, encontra-se a Assembleia Provincial. Esta construção era um dos símbolos do império, porém após o fim desse período, passa por modificações e perde suas características.

**Figura 22: Assembleia Provincial, Ouro Preto.**



Fonte: Arquivo Permanente da Superintendência do IPHAN/MG, Pastas 695-701/Fórum. Foto de Guilherme Liebenau.

**Figura 23: Praça Tiradentes – Centro, Ouro Preto.**



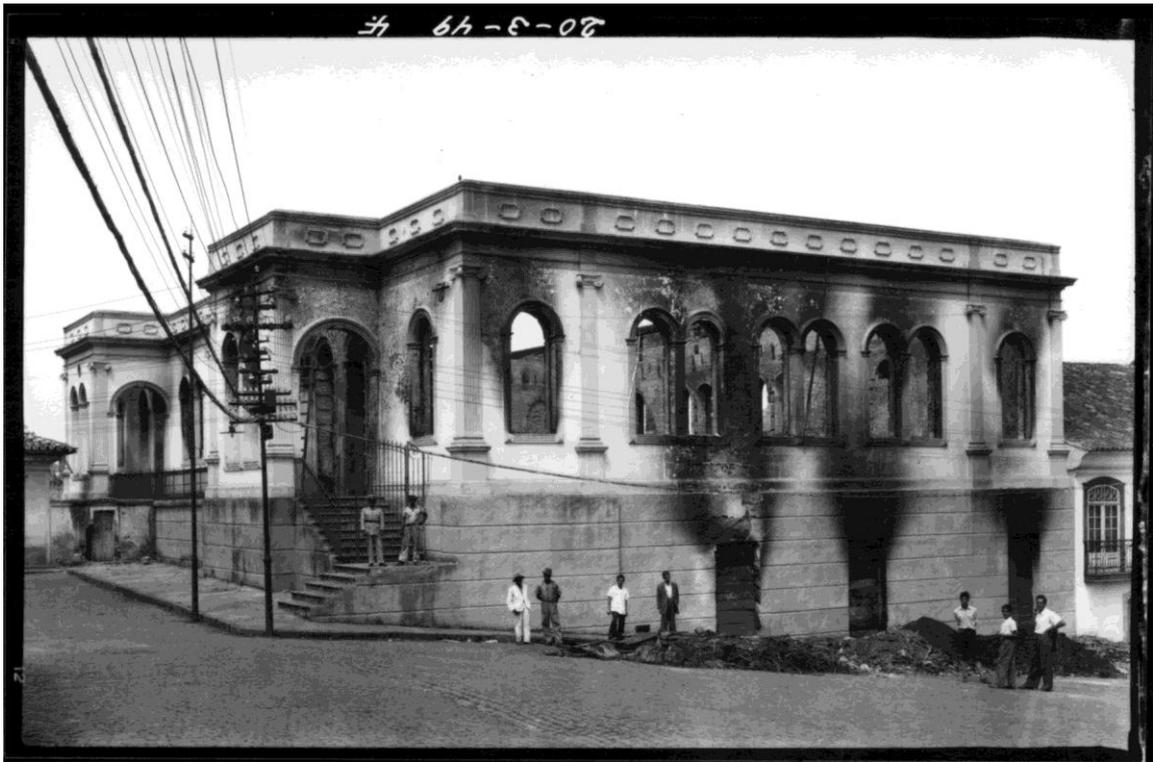
Fonte: Acervo Luiz Fontana. Foto tirada por volta de 1920-1960.

As Figuras 22 e 23 demonstram a descaracterização de uma edificação na Praça Tiradentes, centro de Ouro Preto. A Foto da Figura 22 foi tirada durante o Período Imperial, no qual a edificação era utilizada como Assembleia Provincial. Contudo, após a Proclamação da República, a Assembleia é dissolvida e a construção é reformada, entre 1889 e 1891, para comportar sua nova função de Congresso Mineiro (QUEIROZ; CARMO; CALDEIRA; SANTO, 2012, p. 727). Podemos perceber que a Figura 22 retrata uma arquitetura com gosto Neoclássico, em que o frontão triangular e os arcos plenos se destacam, contudo esta construção também apresenta detalhes coloniais, como verga de arco abatido nas janelas. Na Figura 23, as alterações na edificação a transformam em uma arquitetura mais próxima ao Ecletismo, retirando os elementos híbridos dos estilos Neoclássico e Colonial, promovendo uma maior pureza estilística na construção.

As reformas realizadas pelos governos republicanos alteraram a fachada do prédio, aumentando seu tamanho original, substituindo as quatro portas da sacada, mais uma próxima à rampa de acesso, por oito janelas, demolindo-se a varandinha em que os deputados mineiros foram fotografados em 1870. Consequentemente, também foi modificada a estrutura do telhado, que deveria cobrir uma área maior, retirando-se o frontão que carregava o símbolo imperial e substituindo as cimalkas por platibandas. Os dois arcos do andar térreo foram substituídos por três portas mais estreitas e a

escada de acesso também foi alterada sendo reduzida sua dimensão. É provável que mais alterações tenham sido feitas internamente, porém, sobre estas, não possuímos fotos ou informações que permitam a sua descrição (QUEIROZ; CARMO; CALDEIRA; SANTO; 2012, p. 737)

**Figura 24: Centro Acadêmico da Escola de Minas 1949, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana.

Em 1949, a edificação, que comportava o Fórum na época, se incendia restando apenas ruínas. Novas obras de reforma se iniciam em 1953 e são concluídas em 1959, com várias paralisações intermediárias. A partir de 1960, após um acordo entre o governo do Estado de Minas e a Universidade Federal de Ouro Preto, a edificação se torna sede do Centro Acadêmico da Escola de Minas (QUEIROZ; CARMO; CALDEIRA; SANTO; 2012, p. 727).

**Figura 25: Centro Acadêmico da Escola de Minas Atual, Ouro Preto.**



Fonte: Acervo Luiz Fontana.

Vale salientar que entre 1953 e 1959, durante a reforma da construção, a edificação recebe elementos híbridos, como é o caso do telhado com beiras e sem a platibanda, e a abertura do embasamento com verga reta, que remetem estilos construtivos distintos. O edifício, como se observa nas Figuras 22, 23, 24 e 25, apresenta três aspectos em pouco mais de um século: um edifício com elementos coloniais, traços Neoclássicos e aspecto semelhante a um Chalé em meados do século XIX; um edifício Eclético de viés Neoclássico, depurado, no fim do século XIX; um híbrido de Colonial e Neoclássico, em meados do século XX.

Os Chalés de Ouro Preto foram alvo das intervenções modernistas, mas como demonstrado nas imagens anteriores, o Centro Acadêmico, mesmo que possua características mais próximas ao Neoclássico, tem suas alterações iniciais realizadas durante o período da Revolução Industrial. Neste contexto, Ouro Preto tentava permanecer como capital do Estado de Minas, e promove modificações urbanas e arquitetônicas, baseando-se no ideal da Revolução Industrial. Uma dessas modificações foi a remoção do frontão dessa edificação, além do aumento do seu volume e das alterações nas suas aberturas.

O CAEM, apesar de ser uma arquitetura que se assemelha em algumas características com os Chalés, sofreu modificações ao longo do tempo, e pode não ser um objeto de estudo compatível com a pesquisa, pois suas modificações foram realizadas antes do período das

intervenções modernistas. Assim, dentre os Chalés analisados por meio de comparações com arquivos fotográficos, a pesquisa demonstrou que pouco se alterou nessa tipologia. Apenas um exemplar analisado foi modificado durante as primeiras décadas do século XX.

### **3.4 Permanência dos Chalés em Ouro Preto**

Um dos motivos que possivelmente auxiliou na permanência de grande parte das edificações da tipologia dos Chalés foi a aproximação com as características dos exemplares coloniais de Ouro Preto. A seguir, foi idealizado um quadro de atributos que demonstram as semelhanças e diferenças entre a tipologia estudada e os estilos coloniais e ecléticos, tendo como base também o neoclássico da região. Esses elementos foram selecionados a partir da percepção da autora ao analisar os registros de antes e depois da intervenção modernista na cidade, além das referências bibliográficas como Sylvio de Vasconcelos e o acervo fotográfico de Luiz Fontana.

As características foram divididas em categorias para que melhor fossem definidas, sendo elas: Estrutura, que explicita o tipo de estrutura foi utilizada para o sustento dos três exemplares; Vedação, categoria essa que demonstra qual material utilizado na vedação das edificações; Telhado, que diferencia os tipos de telha, os caimentos das águas, o detalhamento do beiral, sendo este avançado ou não; Fachada, que exemplifica a geometria da volumetria, as cores utilizadas e elementos decorativos; Andares, esta categoria auxilia na percepção da altura das construções e expõem elementos singulares desses estilos; e Aberturas, composta pelo detalhamento de portas e janelas da fachada.

A tabela também compoem em colunas os estilos e centralmente a tipologia do Chalé, para realizar a comparação das características. Os elementos pertencentes ao estilo Colonial são apresentados na cor rosa, enquanto os atributos do eclético são apresentados em laranja. Quando os elementos são encontrados nas três colunas, ou seja, são encontrados nos três tipos de edificações, é apresentado em cinza. Há caso também do Chalé apresentar elementos referentes apenas a sua tipologia e, na tabela, é visto na cor marrom.

Quadro 01: Quadro de Características.

CATEGORIA	COLONIAL	CHALÉ	ECLÉTICO/NEOCLÁSSIO
ESTRUTURA	alvenaria de madeira ou pedra ou adobe	alvenaria de tijolo cerâmico	alvenaria de tijolo cerâmico
VEDAÇÃO	alvenaria de adobe ou pedra ou pau-a-pique ou taipa de pilão	alvenaria de tijolo	alvenaria de tijolo
TELHADO	telha cerâmica capa e bica cachorrada empena lateral triangular beiral avançado	telha cerâmica francesa e capa e bica detalhe em lambrequim empena frontal triangular beiral avançado	telha cerâmica francesa platibanda empena frontal triangular -
	simetria	simetria	simetria
FACHADA	fachada com cores claras e esquadrias em tons fortes - - sem afastamento	fachada com cores claras e esquadrias em tons fortes - guarda-corpo de ferro afastamentos frontal e laterais	fachada geralmente com cores fortes e detalhes claros cantaria aparelhada no exterior guarda-corpo de ferro sem afastamento
ANDARES	- pé direito baixo porão no subsolo	detalhes em estuque pé direito alto porão alto	detalhes em estuque pé direito alto porão alto
ABERTURAS	- verga de arco abatido ou verga reta	bandeira sobre aberturas verga de arco abatido ou ogival ou verga reta	bandeira sobre aberturas verga de arco pleno ou verga reta

Fonte: Elaborado pela Autora, 2019.

O quadro de características evidencia que a tipologia do Chalé apresenta elementos das duas colunas adjacentes. Apenas uma característica pode ser encontrada nos três estilos, a simetria. Três características encontradas somente nos Chalés, sendo elas: o hibridismo das telhas cerâmicas francesas e capa e bica; o detalhamento em lambrequim; e a implantação com afastamentos frontal e laterais. Além dessas características, o Chalé apresenta quatro elementos também presentes no estilo Colonial e oito elementos presentes no Eclétismo, o que demonstra que as semelhanças entre o Chalé e o estilo Colonial pode não ter influenciado na permanência dessa tipologia durante as intervenções modernistas.

Outra possibilidade da permanência dos Chalés em Ouro Preto é a influência da arquitetura das ferrovias, responsáveis por trazer o Eclétismo para o interior do país. As ferrovias mineiras possuíam algumas características que poderiam ter influenciado no modismo desse tipo de arquitetura entre as construções civis. Nas figuras seguintes podemos perceber essas semelhanças.

**Figura 26: Ferrovia Central do Brasil - Estação Benficia.**



Fonte: SILVA, Cláudio Francisco Ferreira da. *As estações da modernidade: um repensar sobre a arquitetura ferroviária em Minas Gerais (1870-1930)*. Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p. 181.

**Figura 27: Ferrovia Central do Brasil - Estação João Ayres.**



Fonte: SILVA, Cláudio Francisco Ferreira da. *As estações da modernidade: um repensar sobre a arquitetura ferroviária em Minas Gerais (1870-1930)*. Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p. 205.

**Figura 28: Ferrovia Central do Brasil - Estação de Barbacena.**



Fonte: SILVA, Cláudio Francisco Ferreira da. *As estações da modernidade: um repensar sobre a arquitetura ferroviária em Minas Gerais (1870-1930)*. Universidade de Brasília, Brasília, 2006, p. 209.

As Figuras 26, 27 e 28 possuem características que se assemelham à tipologia dos Chalés, como o uso do frontão triangular, o estuque para detalhamento da fachada, o lambrequim nos beirais, além do beiral avançado, das bandeiras de vidro nas aberturas e do pé direito alto. Algumas dessas características derivam da Arquitetura Eclética, vigente na época, outros elementos podem ser associados a uma melhor estruturação para se adaptar às estações ferroviárias, como o pé direito alto para adequar ao tamanho do trem, bem como o seu telhado em duas águas que facilita o alongamento da estrutura e do pé direito.

A arquitetura ferroviária é notavelmente próxima à tipologia dos Chalés, podendo ser sua maior influência e inspiração para as construções civis da região. Os donos dos Chalés ouro-pretanos viram nessa arquitetura uma nova forma de construir associada à Revolução Industrial e, por isso, traria o ideal de progresso desejado no período. Futuramente, nas primeiras décadas do século XX, essa tipologia seria associada a uma arquitetura nova e diferente do eclético original, o que definia o anseio modernista.

Outra causa para a permanência dessa tipologia é a demanda financeira em que as famílias, donas dos Chalés, se encontravam durante a época das intervenções modernistas. As modificações arquitetônicas exigiam a disponibilidade de grande quantidade de recursos monetários, o que poderia ser um empecilho para algumas famílias menos abastadas. As reformas arquitetônicas dependiam da disponibilidade de materiais e mão de obra qualificada, o que no contexto da cidade poderia ser oneroso para os moradores.

### 3.5 Importância da permanência dos Chalés em Ouro Preto

Ouro Preto, desde a sua fundação, passou por transformações, com seu início relacionado à busca do ouro promoveu uma expansão repentina dos pequenos arraiais, em que auxiliou na sua elevação a Vila. Após o declínio do ouro, a cidade passa por outra alteração urbanística, em que grande parte dos seus habitantes deixam a cidade em busca de novas oportunidades.

Outras transformações ocorreram durante o período da Revolução Industrial, na qual a cidade tentava manter seu título de capital do estado. Novos tipos de construções permearam a cidade, trazendo o ideal de modernização que os revolucionários ansiavam. Após a transferência do título para Belo Horizonte, Ouro Preto passou por um completo esvaziamento do município, em que poucas alterações foram promovidas na cidade, a partir de então. Seu esvaziamento permitiu que as construções, ali realizadas, permanecessem inalteradas por muitos anos.

As primeiras décadas do século XX, porém foram responsáveis pelas novas mudanças na cidade. O reconhecimento do seu acervo preservado do Período Colonial correspondia à busca dos arquitetos modernistas ao ideal de identidade nacional. Contudo, apenas parte do acervo, as construções coloniais, condizia com este desejo. Apesar de possuir estilos de períodos diferentes, apenas o Colonial foi alvo das atividades preservacionistas. Os outros estilos, por sua vez, foram alterados para que a cidade fosse harmonicamente Colonial.

As reformas e transformações realizadas durante o período de intervenção modernista, como vimos anteriormente atingiu principalmente as construções do estilo eclético, contudo, pouco atingiu a tipologia dos Chalés em Ouro Preto. Esta cidade, apesar de ser reconhecida como maior sítio histórico preservado do Período Colonial e das homogeneizações realizadas ao longo do tempo para a sua preservação, apresenta construções e elementos de outro período histórico.

A permanência dos Chalés em Ouro Preto certifica que a cidade não é apenas do Período Colonial como é reconhecida mundialmente. Esta tipologia quebra com a ideologia gerada em relação ao seu acervo arquitetônico, bem como os registros históricos expostos também o corroboram. Preservar essa tipologia auxilia na conservação da história da cidade, assim como do seu desenvolvimento. A arquitetura Eclética como um todo também é

favorecida com a permanência dos Chalés, um de seus representantes. Esta poderá ser reconhecida como parte da história da cidade e, com as poucas construções desse estilo que ainda perduram no município, cultivar o ideal de modernização do seu período e seu valor histórico.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível por meio desse trabalho, refletir sobre a Arquitetura Eclética, através dos Chalés como objeto de estudo. Este estilo, apesar de ser um marco na história da cidade de Ouro Preto, assinalando um período de transição de uma sociedade dependente das extrações de minério para uma sociedade modernizada, com novos maquinários e técnicas de construção, o Eclétismo foi alvo de críticas e ataques, principalmente pelos arquitetos modernistas do começo do século XX, que impuseram seus gostos, o que acarretou na modificação e até mesmo na exclusão das Arquiteturas Ecléticas da cidade.

Por meio da realização deste trabalho que compreendemos como ocorreu a introdução desse estilo arquitetônico em Ouro Preto, e a importante relação com a cidade cujo reconhecimento mundial é o sítio histórico e arquitetônico datado do século XV ao século XVIII. Sendo a capital dos Estados de Minas no século XIX, Ouro Preto ansiava pela modernização advinda da Revolução Industrial e foi por meio de alterações urbanísticas e novas construções ecléticas que quase alcançou o objetivo de permanecer como a capital.

O Eclétismo auxiliou na modernização de Ouro Preto, alargando as ruas, modificando construções e refazendo espaços públicos, contudo não foi o bastante para que a cidade ainda tivesse sua importância regional na época, o que ocasionou o seu esvaziamento.

Parada no tempo por décadas, Ouro Preto não passa despercebida ao adentrar o século XX, em que seu reconhecimento deriva dos olhares aguçados de arquitetos modernistas que enxergaram na cidade o resultado de suas buscas. Ouro Preto seria então considerada o berço da identidade nacional, o maior acervo de Arquitetura Colonial, arquitetura esta creditada pelo seu valor autenticamente brasileiro. O que resultou no desapego do Eclético, que sofreu alterações ou até foi apagado da paisagem urbana.

Este trabalho enfatizou as transformações realizadas pelos modernistas na Arquitetura Eclética, porém demonstrou que, apesar de ser uma tipologia eclética, os Chalés pouco foram modificados nesse período. Dentre os exemplares estudados, apenas um apresentou modificações significativas em sua fachada. O que derivou às perguntas: por que, dentre as tipologias ecléticas, os Chalés permaneceram? E qual a importância da sua permanência, considerando o contexto de uma cidade essencialmente Colonial?

As hipóteses que guiaram o trabalho se relacionam a aparência da tipologia. O estudo desenvolvido a partir das características dos Chalés demonstrou que esta tipologia pode estar associada à modernização, podendo ser comparada com a arquitetura ferroviária. Seus elementos, por sua vez, distanciam da Arquitetura Eclética e da visão de estrangeirismo criada pelos modernistas sobre essa arquitetura. Os Chalés, apesar de apresentarem características do Eclétismo, são desassociados quando se percebe que o Eclétismo é uma nova versão de arquiteturas passadas, carregando elementos clássicos e góticos e que os Chalés possuem um ar mais pitoresco e, ao mesmo tempo, moderno.

Ficou evidente que há uma dificuldade em discutir sobre a permanência dos Chalés, tendo em vista todos os fatores apresentados neste trabalho. Essa dificuldade exprime a importância de uma pesquisa teórica e documental mais aprofundada, o que permite criar uma base para novos estudos sobre o assunto, que preencheria as lacunas abertas neste trabalho.

O trabalho, por fim, é uma contribuição para renovar o olhar crítico deixado pelos modernistas, durante as primeiras décadas do século XX, em relação à Arquitetura Eclética, bem como para demonstrar que Ouro Preto não é uma cidade essencialmente Colonial, mas que possui exemplares arquitetônicos de outros períodos históricos. Estes exemplares, assim como a Arquitetura Colonial e os Chalés, fazem parte do desenvolvimento de Ouro Preto e devem ser preservados e conservados.

## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aracy. Stages in the Formation of Brazil's Cultural Profile. *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*. Miami, n. 21, 1995.

ASSAD, Marianna Ramos Boghisuan Al. *Arquitetura, Identidade Nacional e Projetos Políticos na Ditadura Vargas: as escolas práticas de agricultura do Estado de São Paulo*. 5009. f. 288. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ÁVILA, Affonso; GONTIJO, João Marcos Machado; MACHADO, Reinaldo Guedes. *Barroco Mineiro: Glossário da Arquitetura e Ornamentação*. ed. 3. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1996.

BAETA, Rodrigo Espinha. *A Crítica de cunho modernista à Arquitetura Colonial e ao Barroco no Brasil: Lúcio Costa e Paulo Santos*. v. 10. Belo Horizonte: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, 2003.

BALANDIER, Georges. *O Poder em cena. Pensamento político*. Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

BRASIL. *Portaria do IPHAN n. 312, de 20 de out. de 2010*. Dispõe sobre os critérios para a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto em Minas Gerais e regulamenta as intervenções nessa área protegida em nível federal.

Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria\\_n\\_312\\_de\\_20\\_de\\_outubro\\_de\\_2010.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_312_de_20_de_outubro_de_2010.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2019.

CAMPOS, Adalgisa. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CAMPOS, Adalgisa. *Minas Gerais no limiar da modernização: o Ecletismo vernacular em três cidades de origem colonial*. Universidade Federal de Minas Gerais, pp. 1-7. Disponível em:

<[https://www.upo.es/historia\\_arte/export/sites/historia\\_arte/Actividades/Congresos/Publicacion\\_Arquitectura\\_Vernacula\\_Carmona/ComunicacionesAmerica/Adalgisa\\_Arantes\\_Campos\\_Minhas\\_Gerais\\_no\\_limiar\\_da\\_modernizacao\\_oi\\_eclectismo\\_verbacykar\\_en\\_tres\\_cidades\\_de\\_origem\\_colonial.pdf](https://www.upo.es/historia_arte/export/sites/historia_arte/Actividades/Congresos/Publicacion_Arquitectura_Vernacula_Carmona/ComunicacionesAmerica/Adalgisa_Arantes_Campos_Minhas_Gerais_no_limiar_da_modernizacao_oi_eclectismo_verbacykar_en_tres_cidades_de_origem_colonial.pdf)>. Acesso em: 26 maio 2019.

CARVALHO, Édis Evandro Teixeira de. *A Arquitetura Neocolonial: A arquitetura como afirmação de nacionalidade*. 2002. f. 185. Dissertação (Mestrado em Arquitetura Neocolonial) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CASTRIOTA, Leonardo. *Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume editora, 2009.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Guia da arquitetura colonial neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2000a.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Guia da arquitetura Eclética no Rio de Janeiro*. Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2000b.

DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. *Eclétismo no Rio de Janeiro (séculos XIX-XX)*. In: FABRIS, Annateresa (org.) *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.

FABRIS, Annateresa. *Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização*. An. mus. paul. Nova Série nº 1. ECA/Universidade de São Paulo, 1993.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1798-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

JACOBI, Daniel Felipe; HABIWSKI, Adilson Cristiano. *Pedras e Vidros: Arquitetura Gótica: Uma proposta ideologizante do homem e da mulher medieval*. In: SALÃO DE PESQUISA DA FACULDADE EST, 2016, São Leopoldo. Anais. São Leopoldo: EST, pp. 1-7, 2016.

JUNQUEIRA, P; BUENO, F; PASCOAL, G; RIBEIRO, P. *Identificação e Reconhecimento da Produção Eclética em Ouro Preto: um primeiro estudo nas regiões da Barra e Pilar*. An.Simp. Cient. ICOMOS. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/60291.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

LEMOS, C; MARTINS, C; BOIS, M.C. *O século XIX na paisagem cultural ouropretana. Cotidiano, arquitetura e modernidade imperial*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2006/D06A021.pdf>>. Acesso em: 10 abr. de 2019.

LORENZONI, Hélade de Oliveira. *O Eclético*. In: XI SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO, 2015, Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2015.

MAGALHAES, ALINE MONTENEGRO. *A Inspeção de Monumentos Nacionais do Museu Histórico Nacional e a proteção de monumentos em Ouro Preto (1934-1937)*. An. mus. paul. [online]. vol. 25, n. 3, pp. 233-290, 2017. ISSN 0101-4714. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0101-47142017000300233&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-47142017000300233&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 30 nov. 2019.

MEDEIROS, Adriana. *Fragments da arte clássica no espelho do século XIX: Uma alusão à arquitetura*. 2013. f. 12. UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

MOTTA, Lia. *A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios*. Rev. do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 22, pp. 108-122, 1987.

- OLIVEIRA, Alexandre Augusto de. *O olhar do fotógrafo Luiz Fontana: documentação de Ouro Preto (1930-1960) - fotografia e arte pública: um estudo de caso*. 2006. f. 118. Dissertação (Mestrado em Concentração em Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/87007>>. Acesso em: 04 set. 2019.
- OLIVEIRA, Elisângela Magela. *Transformações no mundo do trabalho, da Revolução Industrial aos nossos dias*. 2004. f. 13. UFU, Uberlândia, 2004.
- OLIVEIRA, Leandro Duque de. *Ocupação Urbana de Ouro Preto de 1950 a 2004 e Atuais Tendências*. 2010. f. 130. Dissertação (Mestrado em Geologia Ambiental e Conservação de Recursos Naturais) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.
- PATETTA, Luciano. *Considerações sobre o Ecletismo na Europa*. In: FABRIS, Anna Teresa (org.) *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.
- PINTO, Carlos Augusto Ribeiro. *Patrimônio Histórico, Identidade Cultural e Turismo: O Barroco Mineiro*. 2006. f. 57. Monografia (Especialização em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- PORTAL IPHAN. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/24>>. Acesso em 04 set. 2019.
- PORTAL IPHAN, Brasília, 2014. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigo\\_do\\_Patrimonio\\_Consequencias\\_funestas\\_da\\_cruel\\_guerra\\_contra\\_Bonaparte\\_e\\_outros\\_inventos\\_da\\_paixao\\_2009.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigo_do_Patrimonio_Consequencias_funestas_da_cruel_guerra_contra_Bonaparte_e_outros_inventos_da_paixao_2009.pdf)>. Acesso em 04 set. 2019.
- PORTELLA, Adriana Araújo. *Analisando a trajetória das metrópoles industriais às cidades-jardins: os ideais utópicos transformados em cidades-dormitórios*. *Arquitetura Revista: Unisinos*, v. 10, n. 2, pp. 46-58, jul. 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/issue/view/451>>. Acesso em 11 out. 2019.
- PORTES, Bruce Souza. *Revisando o "Barroco Mineiro": A construção de um conceito entre a arte, a identidade e outras representações coloniais*. 2014. 42 f. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2014.
- PUPPI, Marcelo. *Por uma História não moderna da Arquitetura Brasileira: questões de historiografia*. Campinas, SP: Pontes, 1998.
- QUEIROZ, D.; CARMO, B.; CALDEIRA, K.; SANTO, M. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural. Acervo Urbano. Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas. Centro Acadêmico da Escola de Minas*. Ouro Preto, pp. 719-743, 2012
- RANCISCO, Andressa Ribeiro. *Tombamento do Patrimônio Cultural em Ouro Preto: O processo de seleção dos bens imóveis*. 2017. f. 79. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Patrimônio) - Instituto Federal Minas Gerais, Ouro Preto, 2017.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

REZENDE, Edson Fialho de. *Barroco Mineiro: nação civilizada, patrimônio protegido*. 2011. f. 77. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2011.

RIBEIRO, M. A. Ribeiro; BOTELHO, A. C. P. Resenha do Livro: Pinheiro, Maria Lúcia Bressan. Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil. *Clio - Revista de pesquisa Histórica* (Recife), 31.1 v., pp. 1-5, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/issue/view/1784/showToc>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

ROSSI, Bárbara Carvalho. *Rio de Janeiro de Pereira Passos: O poder da imagem na gestão da cidade*. 2017. f. 97. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Planejamento urbano e regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Paulo. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Instituto dos Arquitetos, Rio de Janeiro: IAB, v. 1, 1981.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Ouro Preto: dos gestos de transformação do "colonial" aos de construção de um "antigo moderno"*. In: Anais do Museu Paulista, v. 4, pp. 125-63, jan/dez 1996.

SILVA, Cláudio Francisco Ferreira da. *As estações da modernidade: um repensar sobre a arquitetura ferroviária em Minas Gerais (1870-1930)*. 2006. f. 275. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

VILLASCHI, João Nazário Simões. *Hermenêutica do Patrimônio e Apropriação do Território em Ouro Preto*. 2014. f. 303. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE MINAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

---

## DECLARAÇÃO

Declaro que **BRUNA CARNEIRO LEÃO SIMÕES**, aluna regularmente matriculada no Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, realizou em 2019, sob minha orientação, o Trabalho Final de Graduação (trabalho de conclusão de curso) intitulado **A permanência dos chalés em Ouro Preto perante as intervenções modernista**. Declaro, ainda, que a aluna efetuou as correções sugeridas em 11/12/2019 pela comissão examinadora. Declaro, por fim, que estou de acordo com a versão final desse trabalho.

Ouro Preto, 4 de março de 2020.

Dr. Tito Flavio Rodrigues de Aguiar, professor associado,  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DEARQ),  
Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)